



# P. C. CAST

Divina por escolha

*Tradução de Susana Serrão*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



Queridos Leitores,

Neste momento estou a escrever o meu vigésimo primeiro romance, e posso dizer-lhes sem qualquer hesitação que, de todos esses livros, a heroína com quem mais facilmente me identifico — a heroína de que mais gosto — é Shannon Parker. Tenho estado a pensar na razão e, curiosamente, não são as qualidades de Shannon o que me cativa nela. Ela é divertida e esperta e sincera. Ainda bem — mas também há muitas outras heroínas assim. O que mais gosto na Shannon são os defeitos. Ela faz borrada. Mais de uma vez. Irrita-se e diz coisas de que depois se arrepende. Fica muito segura de si e teimosa, e tudo isso faz dela deliciosamente *real*. Eu gostaria de beber um copo (ou mais) de vinho com a Shannon. Se alguém me irritar, gostaria de a chamar e deixá-la zangar-se no meu lugar. A Shannon seria uma amiga leal, e de certezinha que nunca seria aborrecida nem com falta de força moral.

Em *Divina por Escolha*, Shannon tem várias decisões espinhosas a tomar e, porquanto nem sempre faça a escolha perfeita, ela faz a escolha *real*, e com um sentido de humor e uma exuberância pela vida e pelo amor que espero bem os meus leitores a possam achar cativante.

Bem-vindos a *Divina por Escolha* e a outra grandiosa aventura no mundo mágico de Partholon.

Obrigada!  
P.C. Cast



## Agradecimentos

Obrigada à minha maravilhosa equipa da LUNA (especialmente Mary-Theresa Hussey, Stacy Boyd e Adam Wilson) por produzirem um livro tão bonito! É um prazer trabalhar com vocês todos.

Muitíssimo obrigada à minha agente e amiga, Meredith Bernstein.

Obrigada, meu pai, por me deixares usar o teu acidente pavoroso de quebrar o gelo e quase morrer, embora só de o ver em letra de forma me tenha deixado borradinha de medo.

Um OBRIGADA muito especial e afetuoso às fãs de *Divina por Engano*, as quais esperaram cinco longos anos para ter esta sequela. As minhas fãs são o máximo!



Este é outro livro dedicado ao meu pai, Dick Cast  
(Super-Rato — Velho Treinador). Com todo o meu amor (Carocha).



## PRIMEIRA PARTE





Como tinta a escorrer numa folha de papel preto, a escuridão na minha visão periférica ondulou e eu senti um arrepio premonitório na minha pele. Mas que raio? Espreitei as sombras. Nada. Apenas uma noite vazia e sem estrelas que ficara fria e ventosa.

Era evidente que eu estava a perder a cabeça, caraças.

A Guerra Fomorianana acabara há meses. Já não havia demónios alados à espreita para me atacarem. Quer dizer, com franqueza, eu estava no meio do meu próprio templo, o qual, apesar da sua beleza, fora construído como fortaleza. Mesmo que qualquer monstro andasse à solta no mundo (e neste mundo nunca se sabe), eu estava mais do que em segurança. A sério, corria mais perigo de ser mimada e adorada até à morte do que de ser agarrada por um monstro. Contudo, ainda tinha aquela sensação pavorosa de “acabaram de passar por cima da minha campã”. Mais, aquela noite não era a primeira em que eu tinha a sensação de alguma coisa não estar bem.

Segui o caminho de mármore que levava ao monumento e pensei na estranha sensação premonitória que não me queria largar. Teriam passado semanas? Raios partam! Agora que pensava mesmo nisso, apercebia-me de que tinham passado pelo menos duas ou três semanas comigo a sentir-me esquisita. Não andava com apetite nenhum, coisa bizarra já de si porque eu adoro comida de paixão. Poderia ser um vírus qualquer no estômago, ou stresse, a justificarem essa falta de apetite. O mais esquisito era a maneira como eu me assustava com sombras por tudo e por nada. As sombras pareciam escuras e espessas e cheias de algo que era decididamente malévol.

Pronto, sim, eu acabara de passar por uma guerra pavorosa em que os bons (naturalmente, os que estavam do meu lado) tinham tido de combater criaturas demoníacas e salvar o mundo da escravatura e da aniquilação. Literalmente. Sim, isso podia fazer com que uma mulher andasse com nervoso miudinho. Especialmente se a mulher fosse, na verdade, professora de Inglês no ensino secundário no Estado norte-americano do Oklahoma, acidentalmente trocada pela Amada Encarnação de uma Deusa num mundo que se parecia mais com a Escócia antiga e a Grécia mitológica do que com Broken Arrow, Oklahoma (um bonito subúrbio de Tulsa). Tudo verdadeiro. Porém, a guerra acabara. Os demónios estavam extintos e corria tudo bem no mundo (supunha-se). Por conseguinte, porque é que eu me sentia como se o bicho-papão andasse lá fora na escuridão pronto a saltar-me em cima?

Credo, já me doía a cabeça outra vez.

Quando cheguei ao monumento em memória de MacCallan, tentei acalmar os pensamentos imparáveis respirando fundo e desfrutando da paz e da serenidade que me cobriam sempre que eu o visitava. Colunas altas e graciosas rodeavam um estrado de mármore com três degraus, onde se erguia um pedestal ricamente esculpido encimado por um jarrão pesado perpetuamente cheio de óleo aromático que ardia para sempre.

Naquela noite, o fumo cinzento-prateado subia preguiçosamente em espiral e saía pela abertura circular do teto abobadado. Avancei devagar para o jarrão, a apreciar a maneira como a chama amarela resplandecente contrastava com o cenário noturno de um céu sem estrelas. Eu pedira que o monumento não tivesse paredes, apenas colunas, uma cúpula e aquela chama sempiterna. Creio que o homem ali homenageado apreciaria a liberdade que o monumento simbolizava.

Uma brisa mexeu-me no cabelo e estremei. O ar fresco estava quase húmido. Ainda bem que eu deixara Alanna convencer-me a vestir o manto forrado a pele de arminho, embora o monumento ficasse a pouquíssima distância dos meus aposentos.

— Dama Rhiannon! — Uma jovem aia apareceu entre as colunas do lado oposto do edifício. Parou só o tempo de fazer uma vénia fluida quase até ao chão. — Posso trazer-te vinho aquecido? A noite arrefeceu.

— Não. — Absorta, mal olhei para ela, procurando rapidamente na memória o nome dela. — Maura. Não preciso de nada. Podes voltar para a cama.

Ela sorriu-me timidamente.

— Sim, Senhora minha. — Mas depois balbuciou: — Mas chamas se houver algo de que tenhas precisão?

Retribuí o sorriso dela, com o meu, cansado.

— Sim, chamo.

Ela foi-se embora a saltitar.

Olhei sardonicamente para o jarrão e revirei os olhos.

— A exuberância aborrecida da juventude — resmunguei para a chama fumegante. — Mas devo estar a ensinar o padre-nosso ao vigário. Carças, tu provavelmente consideravas que toda *eu* sou exuberância jovem. — Sem me chegar resposta discernível e, claro, sem esperar realmente nenhuma, subi para cima do estrado e sentei-me com um suspiro, a ajeitar as dobras grossas do manto à roda dos joelhos, antes de descansar o queixo na mão. — Mas também não é que eu saiba *realmente* o que tu pensavas. Nunca te cheguei a conhecer. — Tornei a suspirar, e afastei com um gesto irritado o caracol de cabelo revoltado que me fazia comichão na face.

Tivera esperança de que a visita ao monumento me deixasse com melhor disposição, como habitualmente acontecia mas, naquela noite, não conseguia sacudir a depressão que ameaçava submergir-me. Esfreguei a têmpora direita onde sentia a alfinetada de uma dor de cabeça a latejar com cada batida do coração.

Passou outra brisa por baixo do manto. Mais uma vez, senti os pelinhos da nuca todos arrepiados. Virei a cabeça para mexer na fita de couro que me prendia as melenas grossas para longe da cara, e lobriguei movimento de qualquer coisa líquida e escura a fugir-me da visão periférica. Esqueci-me do cabelo fugidio e sentei-me mais direita, pronta a repreender com quem se atrevesse a invadir-me a privacidade.

— Quem é? — perguntei imperiosamente.

Silêncio.

Estudei bem a área circundante. Nuvens baixas serviam de cortinas no céu. A única iluminação vinha da chama ardente diante de mim. Não consegui ver nada além do normal — tirando o facto de a escuridão da noite refletir o meu humor. Não havia nada sinistro à espreita ou à coca ou a rastejar nas sombras foscas.

Credo, Shannon. Orienta-te, mulher!

Devia ser só o vento nas árvores mais próximas, misturado com uma dose saudável da minha imaginação sempre galopante. Devia ser isso. Não havia nada *realmente* errado...

Nisto, outro movimento surgiu-me pelo canto do olho. Virei logo a cabeça, mas só vi escuridão dentro de escuridão — mais tinta a escorrer numa folha de papel preto. Estremeci outra vez e recordei-me de qualquer coisa. O que é que Alanna me contara pouco depois de eu chegar a Partholon? Qualquer coisa sobre deuses tenebrosos cujo nome era melhor não proferir sequer. Senti apertos no estômago, um medo inexplicável. O que é que se passava comigo? Eu decididamente não me metia com deuses tene-

brosos. Raios, nem sequer sei nada sobre isso. Porque é que a mera ideia de tais seres me havia de deixar cheia de medo?

Havia qualquer coisa que não estava nada bem.

Como acontecia há semanas, um sentimento demasiado profundo para lhe chamar tristeza e demasiado denso para lhe chamar solidão incomodava-me algures na mente. Escondi a cara nas mãos, abafando um soluço de choro.

— Quem me dera que estivesse vivo, pai. Preciso de falar contigo sobre o que raio se passa dentro de mim.

*Ele não é bem teu pai. Os pensamentos errantes arrelivavam-me. E este não é bem o teu mundo. Intrusa. Usurpadora. Fingida.*

— Agora é o meu mundo! — gritei, antes de me entregar à espiral de choro até ficar lavada em lágrimas. A minha voz rasgou a noite com demasiada força. O som repercutiu-se feérico nas colunas como um toque a finados, o que me assustou. Aquela reação inesperada fez-me rir alto de tanta parvoíce.

— Mas que raio estou aqui a fazer a gritar comigo própria e a imaginar bichos-papões nas sombras da noite? — O humor na voz ajudou a amainar a disposição taciturna com que eu estava. Sequei as lágrimas dos olhos e respirei fundo, assistindo a uma lua quase cheia irromper do céu brumoso e pairar sobre as árvores. Sorri de prazer diante da beleza etérea daquele globo intemporal.

— E eu ralada que não nasci neste mundo. Adoro estar aqui. É aqui que eu quero estar, e é aqui o meu lugar — disse com determinação.

Claro que era verdade, Rhiannon, a Encarnação e Amada original da antiga Deusa Celta dos Cavalos, Eponina, arrancara-me da minha América do século XXI — Broken Arrow, Oklahoma, mais concretamente — onde eu me contentara em ser Shannon Parker, uma professora do ensino secundário incrivelmente atraente, espirituosa e tesa. Rhiannon conseguira invocar um sortilégio que nos fizera trocar de lugar. Há quase seis meses, eu acordara do que achara ter sido um acidente de viação horrroso e dera comigo em Partholon, um mundo paralelo onde vivem a mitologia e a magia. Para cúmulo da minha confusão inicial, há pessoas em Partholon que são a cara chapada de algumas do meu velho mundo. Dito de outro modo, as pessoas não me eram estranhas, até falavam e até se portavam de maneira minha conhecida mas, na realidade, não eram. Era aqui que entrava o monumento em memória de MacCallan (era meu pai/não era meu pai).

Por momentos, senti uma onda de tristeza, não só porque o meu amado pai estava a um mundo de distância, mas porque a sua imagem neste mundo, MacCallan, pai de Rhiannon, fora brutalmente assassinado pouco

depois de eu chegar a Partholon. O poder da minha Deusa deixara-me assistir à morte do pai de Rhiannon para que eu pudesse avisar este mundo de um mal invasor que aí vinha. A minha cabeça dizia-me que o homem a cuja morte eu assistira, o Lorde MacCallan, Chefe do seu Clã, não era na realidade meu pai, mas o coração sussurrava-me outra coisa completamente diferente. MacCallan era líder e guerreiro. O meu pai também era líder de homens — na sua maioria, jovens. O campo de batalha preferido era o campo de futebol. Eu não podia deixar de me sentir imutavelmente vinculada ao falecido que se parecia tanto com o meu pai.

— Às vezes é cá uma confusão, caraças — disse eu, e levantei-me para dar uma palmadinha num dos lados do jarrão. O corpo de MacCallan não estava ali sepultado. Jazia com os seus homens nas ruínas carbonizadas do Castelo MacCallan. Eu sentira necessidade de erigir aquele monumento em memória dele, para lhe mostrar o respeito que gostaria que mostrassem à memória de Richard Parker.

Havia montes de coisas que eu aprendera sobre Rhiannon que me deixavam envergonhada e constrangida, mas o amor pelo pai não era uma delas. Atualmente, eu desfrutava do estatuto de Dama Rhiannon, Sumo-Sacerdotisa de Partholon, Amada de Eponina e Encarnação da Deusa em seu lugar. Calculo que ela “desfrute” de ser uma professora do ensino público mal remunerada no Estado do Oklahoma.

A ideia fez-me rir e comecei a arrear caminho para voltar a entrar no Templo de Eponina.

— Pois — sussurrei sarcástica. Era óbvio o quanto ela andaria a *desfrutar* da sua mudança de estatuto, pela tentativa de voltar a transferir-me e a ela uns meses antes.

Só de me lembrar dessa tentativa gorada fiquei logo mais séria. Embora eu não tivesse nascido neste mundo, já lhe ganhara um apego distinto. Partholon era agora a minha casa; aquele povo era a minha gente — Eponina era a minha Deusa. Fechei os olhos e fiz uma oração breve. *Eponina, por favor, ajuda-me a ficar.*

Senti um baque no estômago e custou-me a engolir em seco. Talvez fosse isso o que se passava comigo. Talvez Rhiannon andasse a fazer das suas e a tentar puxar-me para fora de Partholon e de volta ao Oklahoma para poder regressar para cá, e aquela sensação sinistra e doentia e completamente da treita fosse Eponina a enviar-me uma premonição de sarilhos para eu ficar de sobreaviso e olhos bem abertos. *Blhéc.* Só de pensar em perder Partholon — e o marido e o povo que eu já adorava — bastava para me causar outra onda de náuseas. Caramba! Estava completamente fartinha de me sentir assim! Estremeci outra vez quando uma rajada de ar frio me afagou as faces e entrou por baixo do manto. Pensei na escuridão esquisita

e fugidia que estava sempre a imaginar à minha volta. Agora parecia que eu começara a sofrer alucinações.

Lindo — o meu marido vai para fora um mês para garantir que a terra está a recuperar da batalha e eu dou completamente em doidinha.

Endireitei os ombros e mandei-me parar com parvoíces. Rhiannon estava no Oklahoma. Eu estava ali em Partholon, e era assim que as coisas iriam permanecer. Eu ficaria apenas de sobreaviso quanto a esquisitices invulgares (mais fácil dito do que feito, mas enfim). Quanto à sensação incomodativa no estômago... bem... Eu apanhara apenas um vírus mauzinho, provavelmente, o que só acrescentava ao caso sério de andar murcha por ser “recém-casada e com o marido ausente”. Seja como for, ele chegaria a qualquer momento. As coisas voltariam à normalidade.

Pelo menos, era disso que eu me tentava convencer enquanto tentava não ligar às sombras que rastejavam na noite. As luzes do templo chamavam-me e estuguei o passo, a assobiar a música de *The Andy Griffith Show*. Alto e bom som.



Infelizmente, no dia seguinte, as coisas não melhoraram lá muito.

— Ah, *blhec!* — Cuspi um bocado de morango banhado a chocolate para dentro da mão. — Há qualquer coisa mal nisto. — Depois farejei desconfiada o bocado meio mastigado. Parecia-se com um naco de carne crua, coisa mais insólita. Fiz uma careta para a minha amiga, a qual também servia naquele mundo ao equivalente de faz-tudo. Dito de outro modo, Alanna conhece toda a gente e sabe de tudo em Partholon, o que me ajuda bastante a parecer menos um peixe fora de água e mais a verdadeira Encarnação de uma Deusa. — Acho que está podre. — Depois de mais uma noite sem pregar olho, era só o que me faltava, um episódio trágico e porco de intoxicação alimentar por cima do meu estômago já de si ultimamente armado em esquisito.

Alanna tirou outro morango da travessa artisticamente empratada, cheirou-o e mordiscou com cautela.

— Hum... — Lambeu os lábios e fez-me um sorriso breve de gatinha que bebeu o leitinho todo. — Deve ter sido só esse, este soube-me lindamente. — E meteu o resto na boca.

— Era de ver — resmunguei. — O que eu tirei era o único nojento numa travessa inteira. — Remexi até encontrar um frutinho especialmente bonito e gorducho, banhado em chocolate, e dei uma dentadinha cautelosa na ponta que parecia deliciosa.

— Credo! — A ponta meio mordida foi ter com o outro bocado mastigado na palma da minha mão. — Pronto, isto está a ficar uma estupidez!

Este também está estragado. — Estendi a parte ileso da fruta criminoso a Alanna. — Prova e diz-me que não estou doida.

Alanna, boa amiga que era e, coincidência, a pessoa encarregada da gala que se ia realizar, pegou no morango, hesitante, cheirou-o e mordiscou um bocadinho do lado mais corado. Esperei que a expressão dela se alterasse e que ela cuspsse o fruto para a própria mão (tirei a minha cheia de porcaria do alcance dela).

Esperei.

Continuei à espera.

Ela engoliu e mirou-me com olhos de corça.

— Não me digas que sabe bem.

— Rhea, sabe bem. — E ofereceu-me o morango outra vez. Bastou-me cheirar a mistura de fruta madura e chocolate rico para me encolher.

— Hum, não, fica com ele.

— É óbvio que ainda não te encontras bem. — O olhar de Alanna transbordava preocupação. — Ainda bem que Carolan regressa com Clan-Fintan esta noite. Esse mal de estômago já dura há demasiado tempo.

Pois, eu estava ansiosa que o nosso “médico” me visse — sem penicilina, sem análises ao sangue, sem radiografias, etc., etc. Claro que não podia contar a minha ansiedade a Alanna porque Carolan era, não só, o principal médico daquele mundo, como também marido dela.

Apareceu uma ninfeta minha aia aos saltinhos.

— Senhora minha... — Ela fez uma vénia amorosa. — Por favor, deixa-me limpar-te a mão!

— Obrigada — peguei no pano húmido que ela trazia — mas acho que sei limpar a minha própria mão. — Antes que ela olhasse para mim com ar de quem acabara de ter um desgosto, acrescentei: — Mas agradecia-te muito se pudesses ir buscar-me algo para beber.

— Oh, sim, Senhora minha! — O rostinho resplandecia de contentamento.

— Traz uma taça para Alanna também. — Ainda disse nas costas dela, já ela corria (literalmente) para ir fazer o que eu mandara.

Por vezes é mesmo agradável ser Encarnação da Deusa e Amada de Eponina, caraças. Pronto, admito — é mais do que *por vezes* agradável. Com franqueza — estou rodeada de opulência e sou amada pela população. Tenho uma verdadeira ninhada de aias ansiosas cujo único objetivo de vida é satisfazer toda e qualquer necessidade minha, já para não falar de roupeiros e roupeiros cheinhos de indumentária magnífica e gavetas ajuizadas de (calma, coração) joias. Montes de joias.

Convenhamos — eu vivo muito acima das possibilidades do ordenado de uma professora do ensino secundário no Oklahoma. Ai que surpresa.

Terminei de limpar a mão e voltei à mesa onde Alanna me observava atentamente.

— O que foi? — O tom mostrou bem a exasperação que eu sentia.

— Tens estado decididamente pálida.

— Pois, também me tenho sentido decididamente pálida. — Apercebi-me de que soava rabugenta, e tentei sorrir e aligeirar o tom de voz. — Não te rales com isso, devo ter só uma ponta de... de... — (lembra-te de Shakespeare) — sezões. — Rematei finalmente, toda contente pelo meu domínio do vernáculo.

— Há dois sete dias? — Juro que ela se parecia mais com uma mãe do que com uma melhor amiga. — Eu tenho-te observado, Rhea. Os teus hábitos alimentares mudaram. E creio que perdeste peso.

— Pois, tenho andado constipada. Este tempo também não tem ajudado.

— Rhea, está quase a chegar o inverno.

— E pensar que, quando cá cheguei, achei que nunca fazia frio. — Olhei para a parede mais próxima de nós, onde uma pintura belíssima retratava alguém que se parecia muitíssimo comigo, montada numa égua cor de prata, de seios desnudados para o mundo (os meus, não os da égua), enquanto uma dúzia de donzelas pouco ou nada vestidas (pelo menos dizia-se que eram donzelas) cabriolavam à minha volta, a espalharem flores por toda a parte.

A gargalhada bem-disposta de Alanna fez-se ouvir.

— Rhiannon ordenou sempre que os frescos fossem pintados com cenas de rituais de primavera e verão. Ela deleitava-se com a falta de roupa.

— Deleitava-se com muito mais do que isso — resmunguei.

Não fora preciso passar muito tempo neste mundo para me aperceber de que, embora muita gente em Partholon fosse a cara chapada de gente do meu antigo mundo e também tivesse personalidades parecidas (como Alanna e a minha melhor amiga, Suzanna), Rhiannon não era, desassombradamente, boa pessoa. Eu e Alanna tínhamos chegado à conclusão de que uma das razões para eu e Rhiannon sermos tão diferentes era o facto de ela ter sido criada para ser uma Sumo-Sacerdotisa completamente mimada, e eu ter sido criada para me portar bem, por um pai que me teria dado um enxerto se eu me armasse em fedelha mimada. Assim sendo, eu crescera com mais disciplina e valores morais mais decentes. Rhiannon, para falar em termos de século XXI, crescera para ser uma cabra lunática. Toda a gente que a conhecia detestava-a ou tinha medo dela, ou as duas coisas. Ela era interesseira e amoral.

Pois, tinha sido uma trapalhada enfiar-lhe a carapuça (maneira de dizer). Só havia três pessoas em Partholon que sabiam que eu não era a Rhiannon original: Alanna, o marido dela, Carolan, e o meu marido, Clan-

Fintan. De resto, toda a gente achava que eu tivera uma mudança de feitio espantosa há vários meses (por volta da mesma altura que eu adotara Rhea para versão abreviada do meu nome). Quer dizer, não faria bem nenhum ao povo saber que o seu objeto de culto e adoração fora arrancado ao século XXI. Mais, para minha completa e rematada surpresa, a Deusa deste mundo, Eponina, deixara bem claro que eu era, com efeito, a sua escolha para Amada da Deusa. Bem!

Ouvi pigarrear delicadamente, o que me chamou a atenção para o momento presente.

— As aias disseram que passaste mais tempo do que o habitual no monumento a MacCallan esta noite. — Alanna falava com uma voz preocupada.

— Gosto de lá estar. Tu sabes bem. — A pensar na escuridão pastosa e fugidia, não consegui encarar Alanna. — Lembras-te de me contares de um lacao de Rhiannon, acho que se chamava... Começava por B.

— Bres — disse Alanna com desagrado na voz.

— Isso, Bres. Não disseste qualquer coisa de ele prestar culto a deuses tenebrosos?

Alanna semicerrou os olhos, ralada.

— Lembro-me de facto. Bres tinha poderes que lhe foram concedidos pelo mal e pelas trevas. O que te fez pensar nele?

Encolhi os ombros a tentar soar despreendida.

— Não sei. Acho que houve qualquer coisa na noite fria e nublada que me deve ter metido miúfa.

— Rhea, tenho estado preocupada que tu...

Felizmente, Alanna foi interrompida pelo barulho de pés a aproximarem-se no chão de mármore.

— O teu vinho, Senhora minha. — A ninfeta voltara com uma bandeja onde estavam duas taças de cristal cheias do que eu depreendia ser o meu *Merlot* preferido.

— Obrigada. — Procurei mentalmente o nome dela, peguei numa das taças e passei-a a Alanna. — Noreen.

— Não tens de quê, Amada de Eponina! — E foi-se embora aos saltinhos, o cabelo ruivo a adejar numa brisa só dela.

Credo, que espevitice.

— Ao regresso dos nossos maridos. — Ergui a mão num brinde, na esperança de mudar de assunto. Alanna tocou com a taça na minha e ficou toda cor-de-rosa.

— Aos nossos maridos. — Fez um sorriso brando por cima da taça quando bebeu um trago.

— Ai! — Não consegui engolir o meu próprio trago. — Isto é horroro-

so! — Cheirei a taça e encolhi-me quando me chegou às narinas um odor rançoso. — Mas ser Amada de Eponina já não significa nada? Porque é que me calha tudo o que está estragado? — Sei bem que soava incaracteristicamente petulante e, algures na minha mente, fiquei chocada com tal repente. Por que raio é que eu estava constantemente à beira das lágrimas?

— Rhea, deixa-me provar.

Alanna pegou na minha taça, cheirou o vinho e depois bebeu um longo trago.

E outro.

— Então? — A voz mostrava bem a minha frustração.

— Está ótimo. — Alanna fitou-me. — Não há nada de mal no vinho.

— Oh, merda. — Deixei-me cair num canapé que estava ao lado da mesa carregadinha. — Estou a morrer. Tenho cancro ou um tumor cerebral ou um aneurisma ou sei lá o quê. — Senti um ardor ao fundo da garganta que me avisava das lágrimas iminentes. Outra vez.

— Rhea. — Alanna sentou-se a meu lado e pegou-me na mão com toda a gentileza. — Talvez tenhas ficado colérica. Passaste por muito no breve tempo em que tens estado no nosso mundo.

Ah, pois, “colérica”. Que raio seria isso? A seguir ela havia de querer abrir-me buracos no crânio para deixar sair os “maus humores” ou qualquer coisa igualmente medieval. A minha mente tentou recordar-se freneticamente de como é que se fazia penicilina a partir do bolor do pão.

— Carolan saberá o que fazer para te ajudar. — Deu-me palmadinhas na mão, a tentar consolar-me.

— Pois, Carolan saberá o que está mal. — O tanas. Não há tecnologia neste mundo, ou seja, não há faculdades de medicina. Provavelmente ele ia querer cantarolar uma espécie de cântico desafinado e fazer-me beber qualquer coisa feita de ranhoca de sapo.

Eu estava condenada, caraças.

— Um banho longo faz sempre com que te sintas melhor. — Alanna levantou-se e fez-me levantar também. — Vamos, eu ajudo-te a escolheres um vestido bonito, com joias a combinar. — Calou-se quando me viu endireitar com relutância, e depois acrescentou: — O joalheiro esteve cá esta manhã enquanto estavas entretida com a Epi. Fi-lo deixar todas as peças novas. Creio que me lembro de ver um bonito par de brincos de diamantes e uma linda pregadeira de ouro.

— Bem, se insistes. — Sorrimos uma para a outra e saímos da sala de banquetes. Alanna sabia da minha fraqueza por joias e sabia que me conseguia levantar praticamente qualquer mau humor, quase como o tempo passado com a minha égua extraordinária, Epi, a quem eu pusera esta alcunha por causa da Deusa, Eponina, e justamente. Epi era o equivalente equino da

minha pessoa. Também ela era Amada da Deusa. Eu e ela tínhamos uma ligação que era mágica e forte.

— Olha! — A inspiração bateu-me a meio caminho da sala de banhos. — Se calhar, estou a ter uma reação bizarra ao que se está a passar com a Epi. — A égua ia para cobrição na noite do Samhain, a véspera do primeiro dia de novembro, como mandava a tradição a cada três anos. Em Partholon há um número “mágico”, como Alanna me explicara e, quando surge o terceiro ano, a encarnação equina de Eponina vai para cobrição, de modo a garantir a fertilidade da terra nas colheitas futuras. Faltava pouco para o primeiro de novembro, e Epi andava desassossegada e incaracteristicamente temperamental desde a chegada do futuro parceiro na semana anterior.

— Rhiannon nunca se portava de maneira diferente durante os ciclos reprodutores de Epi.

— Pergunto-me se essa seria a norma para a Escolhida de Eponina, ou se Rhiannon seria uma cabra tão egoísta a ponto de não ter sensibilidade para os humores da égua? — Antes que Alanna pudesse responder, continuei: — OU talvez como Rhiannon estava sempre com o cio já de si, não reparasse na diferença.

Rimo-nos as duas e eu senti parte da tensão amainar. A porta para a sala de banhos tinha dois guardas escolhidos entre os meus guerreiros mais jeitosos. Havia vários aspetos positivos na Deusa que eu começara a servir; o facto de ser deusa guerreira e ter uma centena de homens bem-parecidos e viris “no efetivo” era apenas uma das regalias do meu novo emprego. Reparei que os guardas tinham complementado as fardas para o tempo quente, as quais consistiam em, bom, praticamente nada além de panos a tapar as partes bem nutridas, com túnicas de couro. Não pude deixar de suspirar de desapontamento por pensar em tanto músculo assim tapado.

Sim, estou casada, mas não morta. Credo.

O aroma cálido e mineral da sala alumiada por velas envolveu-me. Saía vapor convidativo da piscina funda e límpida. O borbulhar da água a encher continuamente e o som suave da cascata por onde se escoava a piscina, aliados ao calor húmido, convidavam-me a relaxar naquelas funduras e ensopear as maleitas do meu corpo invulgarmente dorido.

Destapei a cabeça do capuz que usava para não apanhar a humidade daquela antevisão de inverno e pisquei o olho para agradecer a Alanna quando me desenrolou o tecido sedoso que servia de roupa interior. Devagar, mergulhei no banho de água mineral e encostei-me no meu parapeito preferido de rocha lisa. Fechei os olhos e fiquei a ouvir Alanna mandar outra ninfeta buscar uma chávena de chá de ervas — e depois senti-me fazer caretas de desagrado pela súbita e infeliz aversão a vinho que eu andava a

criar — até recentemente, um copo de vinho tinto encorpado era uma das minhas coisas preferidas.

Se calhar estava a ficar velha.

Não, trinta e cinco e meio não podia ser velha e, seja como for, eu sempre fizera tenções de ser uma daquelas velhotas excêntricas que usa montes de joias e cabelo chique, que sabe beber vinho e que morre de repente, com uma daquelas Doenças de Velha Branca (de preferência um aneurisma indolor depois de uma jantarada particularmente sumptuosa). Eu gostava de treinar para os meus futuros anos dourados.

Tentei convencer-me, pela enésima vez, que aquilo era só uma gripe teimosa. Estava a deixar-me deprimida e a fazer-me imaginar coisas. Claro que, em plena luz do dia, as imagens negras dessa noite pareciam distantes e mais do que ligeiras parvoíces. ClanFintan estaria em casa logo à noite. Só de pensar em estar com ele outra vez me fazia sentir melhor; pelo menos, era disto que me tentava convencer também. Ele estava fora há já quase um mês, e a falta de telefones e correio eletrónico deste mundo tem-me dado cabo da paciência. Estávamos casados há menos de seis meses mas, com ele fora, eu sentia-me estranhamente oca, como um sino sem badalo. Sensação sumamente desconcertante para quem trocara de mundos recentemente. Aliás, fazia-me sentir como se estivesse apanhada num episódio sobre dimensões alternativas d’O *Caminho das Estrelas* (tirando o Kirk e a mamalhuda extraterrestre que ele andasse a comer na altura).

— Prova isto. — Alanna passou-me uma caneca cheia de chá perfumado. — Vai acalmar-te o estômago.

Farejei-a com hesitação, à espera que se apresentasse rançosa nas minhas mãos (uma espécie de reviravolta do toque de Midas), mas o aroma calmante das ervas e do mel continuou apelativo, felizmente. Beberiquei a mistela e deixei que me consolasse o estômago rebelde.

— Obrigada, amiga, já me estou a sentir melhor. — Se o dissesse, passaria a ser verdade... Se o dissesse, passaria a ser verdade... Se...

— A aia disse que as sentinelas avistaram os guerreiros de ClanFintan. — A tagarelice de Alanna era reconfortante. — Não tardam a chegar. Eu sabia que não chegariam atrasados. Carolan disse que voltariam nos dias que antecedem o Samhain: faltam dois dias e ele chega hoje. — A voz mostrava bem a expectativa de uma mulher recém-casada.

Eu sabia exatamente como ela se sentia. Deixei-me pensar no tronco forte e sensual do meu marido enquanto continuava de molho.

— Caraças, tenho mesmo saudades dele.

— Eu também tenho saudades de Carolan.

Trocámos sorrisos de amigas.

— É melhor passares-me essa esponja. Quero estar cheirosinha e bem vestida quando eles chegarem. — Bem, queria estar vestida durante algum tempo.

Servi-me do meu sabonete líquido preferido, perfumado com baunilha, no seu frasquinho delicado, e comecei a esfregar-me com a esponja grossa. Alanna começou a remexer num dos meus roupeiros atafalhados.

— Também vai ser bom ver a Victoria outra vez. — Eu tinha tido saudades da Chefe das Caçadoras naquele último mês. As suas obrigações de nómada faziam-na viajar quase constantemente, e fiquei contente por saber (via mensageiro centauro — tipo Pony Express, mas com cavaleiro embutido) que ela se juntara ao grupo de guerreiros do meu marido e que voltaria com eles. Tínhamos ficado amigas chegadas, e eu esperava que o Templo de Eponina pudesse ser uma segunda casa para ela.

— Talvez vejamos Dougal sorrir outra vez. — Os olhos de Alanna brilhavam de malícia.

— Ele tem sorriso, sua malvada.

— Aquela expressão era isso? — A cadência melodiosa da voz dela aumentou com a brincadeira. — E aqui estava eu na certeza de que ele apanhara parte do teu mal de estômago.

— Coitado do Dougal, entre tu e o ClanFintan a arreliá-lo por causa da paixão pela Vic, admira-me muito que a cara dele não esteja permanentemente cor-de-rosa de tanto corar.

— Isso faz-me lembrar, o que te parece que aconteceu entre eles os dois, ao certo?

— Bem, eu achei que ele estava apenas caidinho por ela mas, antes de ela se ir embora, reparei que os dois se ausentaram do templo bastante tempo, coincidentemente, na mesma altura. Acrescente-se isso ao ar desgraçado dele desde que ela se foi, e a cara toda corada sempre que se fala na Vic, e quer-me parecer que temos um casalinho apaixonado.

Alanna riu-se.

— Ele fica mesmo amoroso todo corado, não fica?

— Olha só quem fala! — Atirei-lhe água para cima, mas ela desviou-se muito bem.

— Eu não fico corada.

— Tu não ficas corada, e eu não digo palavrões. — Rimo-nos uma para a outra. — Atira-me essa toalha, se faz favor. — Comecei a secar-me vigorosamente, determinada a que, naquela noite, rodeada dos meus amigos e do meu marido, eu me sentiria bem outra vez. — Ainda bem que ClanFintan mandou Dougal ficar aqui e tomar conta da construção dos novos aquartelamentos para os centauros. Tem andado ocupado de mais para tristezas. — Dougal perdera um irmão meses antes, e depois a cen-

táuride por quem ele se apaixonara, a Dona Chefe das Caçadoras Victoria, aparentemente acabara com aquela relação incipiente e deixara-o ficar para voltar à sua vida. Ele era decididamente um jovem centauro precisadíssimo de divertimento.

— Sabes, Rhea, talvez não seja coincidência que a Vic tenha *calhado* encontrar-se com os teus guerreiros. Talvez ela buscasse motivo para voltar cá — Alanna ergueu as sobrancelhas sugestivamente (o que a fez parecer uma coelhinha loura) — para o Dougal.

— Assim espero. — Terminei de me secar e passei as mãos pela extensão de tecido lustroso que Alanna me apresentara. — Acho que fazem um belo casal, o que é que interessa que ele seja mais novo? Algo me diz que qualquer centauro de quem a Vic goste vai precisar de ser novo e altamente atlético.

Rimo-nos juntas, pois concordávamos. Embrulhei-me na toalha e deixei-me sentar na poltrona diante da cómoda, a descontraí-me nas mãos experientes de Alanna, enquanto ela tentava domar-me o cabelo ruivo e revoltado.

— Preciso mesmo de uma aparadela... — Fiz as contas mentalmente. Estava naquele mundo há quase seis meses, e não aparava os caracóis bravios há várias semanas antes de ser puxada para cá. Caraças, o meu cabeleireiro, Rick, teria uma apoplexia se me pudesse ver agora. O Rick dizia sempre: “Fofa, não sei porque é que deixarias uma *mulher* tocar-te no cabelo. Elas são a tua concorrência, claro que *arranjam* maneira de te deixar com péssimo aspeto. *Eu* não me importo que fiques *fabulosa*. Nós não andamos, deixa cá pôr as coisas nestes termos, a molhar o pincel no mesmo sítio”. Há que admitir que ele tinha razão.

— As mulheres não cortam o cabelo.

Resfoleguei, a lembrar-me de ClanFintan dizer algo parecido vários meses antes.

— Deixa que te explique uma coisa, minha amiga. — Falei para o reflexo de Alanna ao espelho. — Não há nada de mal numa aparadelazinha de vez em quando. Juro que já vi mais pontas espigadas nos últimos seis meses do que na década passada. Até parece que estamos num retiro pentecostal.

Alanna não disse nada. Já estava a ficar acostuada à minha tagarelice sobre coisas que não eram deste mundo. Aparentemente, até gostava da excitação, agora que confiava em mim para não a mandar torturar ou coisa assim. Sim, estou a falar literalmente. Vão por mim, Rhiannon não era nada boa pessoa.

Contemplei em silêncio como deveria proceder para levar a cabo aparadelas aos cabelos maciços enquanto Alanna me terminava de pintar e pentear. Quando eu acordara naquele mundo, sentira-me constrangida por

ter Alanna a servir-me de criada. Como ela é a cara chapada da minha melhor amiga (em qualquer mundo), Suzanna, parecia-me, sei lá, blasfémia, deixá-la pentear-me, vestir-me e mimar-me. Porém, tenho vindo a aceitar que eu sou o emprego de Alanna. Ela é, em termos estritos, minha serva, mas é uma parvoíce e já me neguei a essas tretas assim que ela mo explicou. Agora digo a mim mesma, e a toda a gente, que ela é minha assistente pessoal e deixo-a levar a sua avante comigo.

Pronto, admito que me agrada a atenção.

A Suzanna sempre foi ótima em tudo o que traduzisse ser uma Senhora. Tinha de ser. Nada e criada no Sul do Mississípi, transplantada na idade adulta para o Oklahoma (que não é considerado parte do Verdadeiro Sul). Ser uma Senhora do Sul deve implicar uma impressão genética que atravessa dimensões, pois a Dixielândia podia mesmo orgulhar-se de Alanna.

Alanna apertou-me o ombro para me indicar que terminara o penteado. Levantei-me e abri os braços conforme ela me enrolava um pedaço cintilante de seda dourada à volta do corpo até ficar em drapeados lindíssimos, que me acentuavam as curvas pronunciadas e as pernas compridas.

— Segura aqui enquanto eu vou buscar a pregadeira.

Segurei bem no tecido escorregadio por cima do ombro esquerdo e Alanna foi remexer numa pilha de ouro e brilhantes que estava em cima da cómoda.

— Ora cá está... — Ela mostrou-me a pregadeira. — Não é magnífica?

— Oh, minha nossa senhora, é linda! — Dei um suspiro longo e sincero de amante de joias.

Era uma réplica miniatura em ouro do meu marido — um guerreiro centauro — e tinha um espadão cravejado a diamantes, que o centauro empunhava com as duas mãos, cabelo solto (ou juba, como quiserem chamar-lhe) e músculos com fartura (parte equina e parte humana). Parecia tão natural que, por momentos, achei que vibrara. Neste mundo, nunca se sabe.

— Ena — olhei para a pregadeira conforme Alanna prendia com ela o tecido — até se parece com ele.

— Foi o que eu pensei também. — Alanna virou-se e foi buscar um par de brincos novos incrustados de diamantes. — E pensei que estes também te deixariam com melhor disposição.

Os brincos relampejaram com um fogo límpido quando apanharam o reflexo das velas.

— Aposto que não foram baratos. — Pu-los nas orelhas e adorei sentir-lhes o peso.

— Claro que foram dispendiosos. Apenas o — terminámos juntas esta frase conhecida — melhor para a Escolhida de Eponina.

Alanna passou-me um diadema de ouro fino e eu coloquei-o na testa.

Assentou muito bem — como se tivesse sido feito para mim —, como se eu tivesse nascido naquele cargo de Escolhida de uma Deusa para favorecimento especial (*e responsabilidades*, recordou-me a minha mente). Não admirava que me tivesse habituado a gostar daquele mundo. O meu marido estava nele; os meus amigos estavam nele; o povo confiava em mim e dependia de mim; por fim (mas por acaso), o cargo de Encarnação de uma Deusa tem realmente uma remuneração melhor do que o de professora no ensino público do Oklahoma (enfim, há que admitir que uma pessoa a virar hambúrgueres ganha mais do que uma professora do Oklahoma, como Rhiannon estará a descobrir de certezinha).

— Estás linda. Pálida, mas linda.

— Obrigada, mamã. — Fiz-lhe uma careta.

Bateram duas vezes à porta da sala de banhos.

— Entrem! — bradei.

A ninfeta espevitada chamada Noreen entrou na sala.

— Senhora minha! Os guerreiros foram avistados na cordilheira ocidental — exclamou ela.

— Então vamos lá recebê-los!

— Rhea, a envolta. — Alanna lembrou-me do frio insidioso e ajudou-me a vestir o manto forrado a pele de arminho (aqui não há ativistas pelos direitos dos animais). Depois embrulhou-se num manto parecido também e ficámos prontas para o espetáculo. Senti o coração bater mais forte com a expectativa, e as duas mulheres afastaram-se para eu poder sair da sala à frente.

Virei à esquerda pelo meu corredor privativo que levava ao pátio interior principal do Templo de Eponina. Um dos meus guerreiros abriu a porta e nós as três desaguámos no pátio apinhado.

— Salve, Eponina!

— Bênçãos para ti, Dama Rhiannon!

— Bendita seja a Escolhida de Eponina!

Sorri e acenei alegremente à multidão de aias e guardas que me delineavam o caminho pelo pátio, passando pela fonte do cavalo empinado onde borbullava água mineral, até à muralha de mármore liso e cor de marfim que circundava o templo. Na entrada principal, fiquei contente por ver uma bela multidão de habitantes locais que viera dar as boas-vindas aos guerreiros.

O Templo de Eponina fora erigido num planalto e a entrada subida do edifício estava virada a oeste. Olhei para além da multidão que se estendia diante de mim e senti o coração já descompassado saltar em reação àquela paisagem magnífica. O ocaso deixara o céu numa aguarela de violetas e rosas que se fundiam num profundo azul-safira perto do horizonte. Nesse

cenário espantoso viam-se os guerreiros a avançarem. O exército movia-se como um só ser na passagem da cordilheira ocidental, uma maré líquida de força temperada por graciosidade. Ao princípio, eram apenas sombras mais escuras dentro de outras sombras, corpos em silhueta no ocaso, centauros misturados com humanos a cavalo. Quanto mais perto ficavam, mais se destacavam individualmente. As missangas nos coletes dos centauros cintilavam e irradiavam luz com os movimentos da passada larga. Os freios dos cavalos montados por homens resplandeciam em lâminas de cor, e luz evanescente da tarde refletia-se nos cocares ricamente ornamentados. Galopavam em formação cerrada, com o estandarte de Partholon, uma égua cor de prata empinada sobre púrpura régia, a estender-se e a enrolar-se acima deles.

Quando chegaram à clareira estrategicamente aberta que rodeava o Templo de Eponina, o exército fez um movimento lateral. Como água que corre, dividiram-se em duas colunas e rodearam o grupo de espetadores em júbilo que lhes aplaudiam as manobras.

Inesperadamente, recordei-me dos treinos de futebol do meu pai. A equipa dele era tão boa que havia sempre público, além dos fãs, reunido nas noites de sexta-feira para ver os treinos na escola secundária. O meu pai decidira que seria bom para a moral dos jogadores exibirem-se ao coletivo de fãs, e mandava os rapazes entrarem em campo em formações complexas. Os futebolistas fintavam e mexiam-se em coreografias impecáveis.

A solidão de não ter pai neste mundo com que partilhar aquela vista espantosa custou-me particularmente, e depois vi o centauro meu marido sair das fileiras e avançar fluidamente para mim.

O meu pai teria gostado dele.

Sacudi-me mentalmente de pensamentos tão taciturnos e engoli uma onda de náuseas que ameaçava esmagar-me. Endireitei bem os ombros para me parecer melhor com a Encarnação de uma Deusa e avancei para saudar o meu companheiro. Quando ele se acercou, os vivas amainaram e ficou apenas um burburinho expectante.

ClanFintan franqueou logo o espaço entre nós, mas parece que o tempo parou o bastante para os meus olhos se deleitarem com o ser que era o meu marido. Movia-se com uma graça e uma força que eu já compreendia ser inerente à sua espécie — os centauros. Poderá ser fácil imaginar que a junção de cavalo e humano resultava numa de duas criaturas: aparição monstruosamente confusa, ou tentativa desastrada e desajeitada de misturar mundos, mas nada disso se verificava. Os centauros eram, talvez, as criaturas mais extraordinárias que eu jamais vira. O meu marido era um príncipe entre eles. Alto, o tronco humano passava o meu metro e setenta e três. O cabelo era preto e liso, fazendo lembrar um conquistador espa-

nhol, e estava amarrado numa trança grossa, donde saíam uns fiozinhos que teimavam em brincar à volta do rosto bem definido. Ao vê-lo passado um mês de ausência e com novos olhos, fiquei siderada com a aparência que lhe via com o ator Cary Grant, incluindo maçãs do rosto altas e covinha romântica no queixo.

Deixei o olhar percorrer-lhe o corpo e senti que os meus lábios formavam um sorriso agradado e acolhedor quando lhe vi o torso musculado, que o colete de couro tradicional dos guerreiros centauros deixava provocantemente meio à mostra. Como eu já sabia muito bem, os centauros têm uma temperatura corporal vários graus acima da dos humanos. Era óbvio que o ar fresco da tarde não o incomodava. Não era a primeira vez que eu apreciava a vista musculada que aquele corpo escaldante (em todos os sentidos da palavra) me proporcionava.

A partir da cintura humana, o corpo era o de um garanhão bem encorpado. Media facilmente dezasseis mãos até à cernelha. O pelo era baio, da cor das bolotas maduras polidas até brilharem. A cor escurecia até ficar preta nas patas e na cauda. A cada passada, os músculos ondulavam e contraíam-se. Quando chegou ao pé de mim, parecia muito possante e de súbito — inesperadamente — muito ignoto.

Estacou diretamente à minha frente, fazendo-me pequena com a sua presença física. Tive de me conter para não dar um passo atrás com os nervos. Deixei logo de lhe mirar o corpo e os meus olhos procuraram os dele.

Os olhos de ClanFintan eram grandes mas ligeiramente oblíquos, quase asiáticos. Eram da cor da noite sem estrelas, tão negros que não se lhe viam as pupilas. Dei comigo presa naquela escuridão, e a náusea que sentira antes voltou-me ao fundo da garganta.

Recordei-me de súbito da minha primeira reação à ideia de intimidade com aquele ser espantoso. Pouco à vontade era eufemismo, mesmo depois de saber que ele se podia metamorfosear na forma humana.

Depois ele sorriu e as linhas à volta dos olhos vincaram-se num padrão muito conhecido. Num único movimento, avançou e pegou-me na mão. Virou a palma para cima, levou-a aos lábios e beijou-a suavemente. Com os lábios dele ainda na minha pele, os olhos encontraram os meus outra vez, e ele deu uma dentadinha brincalhona na parte carnuda da minha mão.

— Salve, Amada de Eponina — disse numa voz funda que abarcava a multidão. — O teu marido e os teus guerreiros regressaram.

A voz banhou-me, confortou-me com carinho óbvio. Pisquei os olhos uma vez, e o nervoso miudinho foi-se como folhas de outono. Não era nenhum gigante estranho. Era meu marido, meu amante, meu companheiro.

— Bem-vindo a casa, ClanFintan. — Como qualquer professora de qualidade sabe fazer, projetei a voz. O sorriso aumentou com as palavras. —

Sumo-Xamã, guerreiro e marido. — Entrei no calor do abraço dele, e fiquei vagamente ciente dos vivos a que a multidão se entregava outra vez.

— Senti muito a tua falta, meu amor. — A voz dele ressoou pelo meu corpo todo quando se curvou para me beijar.

O beijo foi curto e intenso. Antes que eu pudesse retribuir com o entusiasmo devido, ele pegou-me pela cintura e sentou-me na sua garupa. Como se reagissem a um sinal, a multidão jubilosa rodeou-nos com famílias e amigos a saudarem guerreiros e uma maré de boas intenções a empurrar-nos alegremente para o pátio interior do Templo de Eponina. Pelo canto do olho ainda vi um lampejo de cabelos louros-platinados, e virei a cabeça a tempo de ver a minha amiga Victoria aceitar a saudação contida de Dougal. Ficaram perto um do outro mas sem se tocarem, deixando a multidão envolvê-los. Para um estranho, pareceria que o rosto belíssimo e clássico de Victoria estava sereno e impávido com a presença de Dougal. Desde que eu a conhecera, percebi que ela disfarçava bem as emoções, como ficava bem à Chefe das Caçadoras e sustento da sua gente. Porém, Vic não conseguia esconder a emoção no olhar, os seus olhos coruscavam de desejo, e eu fiz votos de que Dougal soubesse interpretá-lo com a mesma clareza que eu.

ClanFintan avançou com a multidão, e Victoria e Dougal logo ficaram longe da minha vista. Suspirei e apoiei uma mão levemente no ombro dele; com a outra, fui acenando, à nossa passagem, aos guerreiros que conhecia. Ainda algo abalada pela minha reação inicial a ClanFintan, concentrei-me em ser acolhedora e divina. Pelo menos era um exercício que não me era estranho. Já me acostumara a desempenhar o papel de Encarnação de uma Deusa benevolente.

*Não estás a desempenhar papel algum, Amada.*

As palavras sussurraram-me na mente, e até acusei a surpresa como se roçasse numa vedação eletrificada (credo, odeio tais coisas). ClanFintan olhou para trás, alarmado, e apertei-lhe o ombro para ele ficar mais descansado. Não havia dúvida de que sabia sentir a tensão que o meu corpo transmitia ao dele.

Eponina não falava comigo há meses, mas reconheci a voz da Deusa como se fosse a minha.

Entrámos no pátio e ClanFintan estacou e virou-nos de frente para a multidão insistente. Olhou para mim rapidamente e pôs a sua mão na minha que lhe tocava no ombro.

Pigarreei à pressa, a tentar organizar os pensamentos desirmanados.

— Hum, eu... — O povo emudeceu e eu contemplei a mole de gente; por instantes, pareceu-me ver algo negro atrás do grupo ali reunido em júbilo. Algo que se deixava ficar à espera e à espreita mas, quando tentei olhar

diretamente, desapareceu. Pigarreei outra vez e dei um abanão mental a mim mesma. — Eu... hum... Quero dizer... — Olhei em redor até encontrar Alanna. Os braços estavam à volta do marido, mas o olhar estava no meu, os lábios algo franzidos com a confusão de me ver incaracteristicamente hesitante.

Comecei outra vez.

— Gostaríamos de convidar todos os servidores de Eponina e suas famílias para se juntarem a nós num banquete em honra dos nossos bravos guerreiros. — A força da minha voz aumentou com a continuação. — Vamos partilhar todos a alegria deste regresso com comida e bebida!

A multidão aplaudiu, mexeu-se com expectativa, ansiosa por nos seguir até ao Grande Salão. Em simultâneo, ClanFintan virou-se, pegou-me ao colo e pousou-me cuidadosamente no chão a seu lado. Avançámos pela entrada lado a lado, o braço dele protetivamente no meu ombro, a passada mais lenta para acompanhar os meus passos muito mais curtos.

— Estás bem, Rhea? — perguntou ele baixinho.

— Sim, estou ótima. — Tentei olhar para cima e sorrir, mas uma nova onda de náuseas deixou-me suada e fraca.

Os guerreiros que guardavam as portas ricamente entalhadas fizeram continência quando eu me aproximei. Num movimento que os fazia parecer sombras musculadas um do outro, abriram as portas e os aromas e as cores do Grande Salão derramaram-se sobre nós numas boas-vindas dos sentidos.

ClanFintan levou-me para os nossos canapés, o que sempre me evocava a imagem e a opulência da Roma antiga. ClanFintan dobrou as patas e instalou-se num depois de me fazer uma vénia e me deixar sentar no meu. Como era costume, encostávamo-nos para tomar as refeições, à semelhança dos antigos romanos (menos a parte de enfardar, vomitar, enfardar, vomitar). As cabeceiras dos canapés estavam quase juntas, e havia uma mesa estreita sobre um pilar ao alcance da mão. Sorri-lhe, sentindo-me pouco à vontade com a maneira intensa com que ele me estudava. Depois o burburinho na sala amainou e eu pigarreei antes de dar início à bênção. Respirei fundo e senti-me relaxar. Mais do que estar habituada a falar em público / ensinar / ralar / sei lá que mais, eu adorava.

— Agradecemos-te, Eponina, pelo regresso a salvo dos nossos bravos guerreiros. — Reparei no murmúrio de concordância que perpassava pela multidão. Fechei os olhos, encolhi o queixo e ergui os braços acima da cabeça, como se concentrasse a minha bênção para cima e também para dentro. Continuei: — Basta-me fechar os olhos para a memória me lembrar das dificuldades que ultrapassámos na estação passada. — Já aprendera que o tempo em Partholon não se mede em meses, mas sim em estações e fases

da lua. — Mas a nossa Deusa estava perto de nós, como sempre. Podemos ouvir-lhe a voz no som da chuva a cair, no canto dos pássaros. Está no ritmo da lua, na brisa que sopra, no aroma doce e vivo da terra. A mudança das estações lembra-nos de que as bênçãos não são unívocas. Antes pelo contrário, chegam-nos num misto e por vezes temos de as descobrir como se joeirássemos areia para encontrar pedras preciosas. — As paredes do Grande Salão fizeram eco das palavras com que encerrei o discurso. — Salve Eponina!

Abri os olhos e sorri para aquele público maravilhoso, antes de me deixar cair numa cadeira, agradecida.

— Por favor, tragam-me chá de ervas e levem este vinho — sussurrei para uma criada muito atenta. Ela olhou-me, perplexa, e quem é que a podia censurar? Eu estava decididamente a portar-me como uma estranha, mas ela obedeceu sem refilar.

— O que se passa, Rhea? — Embora falasse baixo, ClanFintan não escondia a preocupação, e várias pessoas e centauros nos canapés mais próximos (incluindo Alanna e o doutor seu marido) olharam para mim com curiosidade.

— Oh! — Tentei soar desprendida. — Tenho tido um qualquer mal de estômago que não me quer largar. — Olhei para o meu marido com o habitual sorriso algo sarcástico. — É quase tão teimoso como consta que eu sou capaz de ser.

Várias dessas pessoas e centauros se riram. Reparei que Alanna, Carolan e ClanFintan não.

— Estás pálida... — Ele hesitou, a estudar-me outra vez. — E magra.

— Pois nunca se pode ser demasiado rica nem demasiado magra — debitei.

— *Humpf* — resfolegou ele, num som que não podia ser mais cavalhar.

— Alanna — chamei. — Achei que as aias iam tocar música durante o banquete.

— Sim, Rhea. — O sorriso dela resumava preocupação, como se achasse que eu estava à beira de um esgotamento nervoso. — Aguardam pelo teu sinal, como sempre. — Ela apontou para um estrado no canto do salão onde estavam sentadas seis jovens com vários instrumentos nos colos trajados de sedas. Todas olhavam expectantes na minha direção.

— Oh! — exclamei eu, a sentir-me parvinha. Mas que raio se passava comigo? Tumor cerebral. Só podia ser. Ergui as mãos e bati as palmas duas vezes. O salão encheu-se de imediato com as notas de uma única harpa. Quando as outras começaram a tocar também, fiquei novamente cativada pela música, que me parecia um misto inebriante de melodias gaélicas e magia partholoniana. Inesperadamente, senti os olhos cheios de lágrimas

com a cadência triste da canção, e tive de dominar muito bem a vontade de me enrolar numa bola e de chorar.

Pronto — havia algo mesmo muito mal comigo.

Não sou choramingas. A sério. Mulheres fracas que se desmancham em lágrimas até me fazem doer o rabo.

Os pratos a bater chamaram-me a atenção de volta à mesa. Qualquer coisa tipo frango e a escorrer molho de manteiga e alho aterrara diante de mim. Quando o aroma me chegou, tive de fechar bem a boca e engolir com força. Depois agarrei no braço da criada assustada.

— Leva isto daqui e traz-me... — Falei entre dentes, a dar voltas ao miolo para arranjar qualquer coisa que fosse comestível. Lembrei-me da regra TAMB (estômago alterado = Torradas, Arroz, Maçã cozida, Banana) do tempo em que fora secretária num hospital; fiquei mais animada e larguei o braço da rapariga, coitadita. — Arroz! Traz-me arroz branco!

Ela piscou os olhos, admirada.

— Apenas arroz, Senhora minha?

— Ahh, e pão aquecido — acrescentei com um arremedo de sorriso.

— Sim, Senhora minha.

Ela despachou-se a sair e eu deparei com o olhar preocupado do meu marido. Antes que ele pudesse começar um interrogatório, comecei eu a fazer perguntas, a tentar alegremente outro assunto.

— Pronto, conta-me tudo, quero saber tudo. — Fui bebericando o chá de ervas, a mentalizar-me que me ia acalmar o estômago. — O povo está instalado nos castelos Guardião e Laragon? Vocês tiveram sorte a apanhar Fomorianos sobreviventes?

— Rhea, eu mandei relatórios semanais para saberes tudo dos nossos esforços.

— Eu sei, amor, mas eram apenas os factos. Eu quero saber *pormenores*. — Sorri em agradecimento à criada que me trazia uma travessa de arroz branco quentinho.

— Como te aprouver. — Ele respirou fundo e, entre dentadas da sua comida que parecia deliciosa mas que me cheirava pessimamente, começou um resumo daqueles meses. — Visto que as equipas de trabalho já tinham limpo e reparado os dois castelos, a instalação dos novos habitantes fez-se com bastante simplicidade...

Enquanto ClanFintan falava, fui arvorando um ar atento e metendo colheradas de arroz na boca, com grande esforço e resistência, e bebericando chá nos entretantos.

— ... pelo que a instalação em Laragon correu bem, e estamos muito gratos a Thalia e ao resto das Musas. Muitas das alunas que estavam quase no fim dos cursos ofereceram-se para ficarem em Laragon, a ajudarem os

novos guerreiros e as suas famílias a instalarem-se. — ClanFintan sorriu. — Creio serem várias as jovens discípulas das Musas a não regressarem ao templo da sua Deusa.

O Castelo Laragon ficava perto do grande Templo da Musa, a versão partholoniana de uma universidade feminina. Eram escolhidas jovens excepcionais em todo o Partholon para serem educadas lá pelas nove Encarnações de Deusas Musas. As mulheres educadas no Templo da Musa eram das mais veneradas em Partholon. Não admirava que os guerreiros se tivessem instalado com relativa facilidade em Laragon.

O semblante de ClanFintan toldou-se com a continuação.

— Mas as mulheres que iam ser instaladas no Castelo Guardião, ao princípio, estavam visivelmente apreensivas quanto a essa permanência, e por isso decidi adiar a partida das tropas por várias semanas. É natural, depois das atrocidades cometidas no Castelo Guardião, que os novos habitantes se sintam vulneráveis.

As palavras dele fizeram-me arrepios na espinha, e recordei-me demasiado bem das atrocidades a que ele se referia. Pouco depois da minha chegada a Partholon, uma raça de humanoides vampirescos, chamados Fomorianos, encetou uma tentativa de subjugação e destruição do povo deste mundo. Talvez o aspeto mais horrendo da invasão fosse o facto de os Fomorianos capturarem, violarem e engravidarem mulheres humanas. Estas, por seu turno, davam à luz criaturas mutantes mais demoníacas do que humanas. Estremeci quando vi na minha cabeça um “parto” a que assisti, através do poder de Eponina que me mandou lá em espírito. Escusado será dizer que a mãe humana não sobrevivia ao parto. Os Fomorianos consideravam as mulheres humanas meras incubadoras para a sua espécie.

Embora os Fomorianos tivessem destruído o Castelo Laragon e os seus habitantes, o ataque fora rápido e o desfecho dera-se abruptamente. Pior acontecera no Castelo Guardião. Foi por lá que os Fomorianos se infiltraram em Partholon meses antes de nós termos conhecimento da invasão. Foi no Castelo Guardião que fizeram quartel-general, e foi lá que muitas mulheres suportaram os horrores de repetidas violações até engravidarem. Também lá ficavam até que os rebentos fomorianos irrompessem dos seus corpos inchados.

— Estou grata por terem ficado até as novas habitantes do Castelo Guardião se sentirem em segurança. — Pela milionésima vez, agradei silenciosamente a Eponina pela derrota dos Fomorianos e, ironicamente, pela epidemia de varíola que ajudara a enfraquecê-los e levava à sua aniquilação.

— Eu sabia que não esperarias menos do que isso. — Os olhos dele eram como lagos quentinhos.

— Tu és o meu herói. — Suspirei romanticamente.

— E assim é que deve ser. — Era uma conversa ao desafio, e eu descontraía-me e já me sentia mais eu.

Era uma pena ser a fingir. Obriguei-me a engolir outra colherada do arroz muito amargo. ClanFintan prosseguiu o relatório.

— Dar caça aos fomorianos sobreviventes revelou-se mais difícil do que a instalação do povo no Castelo Guardião. — A voz dele ficou soturna. — Na nossa busca, encontrámos muitas mulheres humanas. Os captos morreram ou fugiram e deixaram bandos de grávidas para trás. — ClanFintan abanou a cabeça com ar sombrio. — Algumas, infetadas pela variola, estavam tão fracas que morreram rapidamente. Às sobreviventes e que ainda estavam na fase inicial da gravidez, Carolan deu uma poção. A poção deu sempre resultado, as mulheres abortaram, mas quase metade delas morreu no processo. — O queixo dele retesava-se. — Carolan não pôde fazer muito pelas mulheres que encontrámos já em adiantado estado de gravidez. Só lhes conseguiu adormentar a dor e suavizar a morte. — O olhar de ClanFintan procurou o Esculápio, e ele falou mais baixo. — Custou-lhe muito, Rhea, esta incapacidade de salvar tantas vidas.

O meu olhar seguiu o dele, e reparei em vincos novos nos olhos expressivos de Carolan, a maneira como tocava em Alanna constantemente, quase com desespero, como se ela pudesse esfumar-se no ar se ele não estivesse fisicamente ligado a ela.

— Vou tratar de que Alanna tenha montes de tempo *livre*. — Pisquei o olho sugestivamente.

— Isso há de ajudar. — Os olhos dele prenderam os meus. — Eu também estava na esperança de que a minha mulher arranjasse tempo *livre* — ClanFintan imitou-me a piscadela de olho — para mim.

— Ora, ainda bem que eu conheço a tua mulher. — Tentei ronronar sensualmente, mas fui abalada por uma onda de náuseas. — E ela garantiu-me... Oh, merda!

Debrucei-me para o outro lado do canapé (felizmente, o lado oposto àquele onde ClanFintan estava), cedi aos engulhos e, como um vulcão em erupção, vomitei um misto de arroz branco e chá de ervas no chão de mármore, e (infelizmente) em cima de uma criada que não conseguira desviar-se a tempo.

Soube que se fizera silêncio no salão, mas estava ocupada a sorver ar e a limpar a boca. Não conseguia deixar de olhar para o vomitado. Montes e montes de grãozinhos espalhados pelo chão (e em cima da aia). Pareciam... Pareciam qualquer coisa conhecida... Do tipo, oh, não! Larvas!

E vomitei de rajada para cima de Victoria e de Carolan que se acercavam de mim.

— Oh! D-D-Desculpem! — gaguejei e sacudi-me, a tentar dissipar as lágrimas dos olhos. Por qualquer razão parvinha, achei que me conseguiria pôr de pé e, de imediato, comecei a ver o salão como por um funil; custava-me muito respirar. Não conseguia controlar o corpo e os joelhos cederam-me.

— Apanhei-te, Rhea! — A voz de Victoria passou a névoa e apercebi-me de que ela ultrapassara Carolan a chegar a mim, porque já me estava a reclinar no canapé com todo o cuidado.

Abri as pálpebras, mas não conseguia recobrar o fôlego.

Aquilo era a morte. A gregoriar-me toda à frente de toda a gente. Mas que maneira tragicamente feia de morrer...

Nisto, ClanFintan estava a meu lado, a baixar-se para me pegar ao colo, e fiquei duplamente aterrada pela palidez daquele rosto de bronze.

— Não, espera, tenho de dizer à Vic... — A voz soava-me feérica e fora do corpo. Estendi as mãos às cegas, e a Caçadora centáuride agarrou-me na mão com a dela, toda vomitada.

— Ama-o e mais nada — sussurrei, e vi-a arregalar os olhos. — Não interessa o que se diz, não interessa a idade. — Agarrei-me bem à mão dela quando Vic se tentou livrar de mim. Se aquilo era a minha morte, ela ia dar-me ouvidos de certezinha. Os doentes terminais têm certos direitos inalienáveis. Ou talvez a morte seja um grande susto para a maioria dos espetadores, e por isso dão ouvidos aos moribundos. Fosse qual fosse o caso, eu ia dizer o que tinha de ser dito. Depois podia continuar a gregoriar-me toda até morrer em paz. — Tu precisas dele. Deixa de fugir e aceita essa dádiva espantosa que te foi concedida.

Ela ficara muito calada e o semblante não se lhe alterou. A única reação exterior fora que os ombros, geralmente orgulhosos e eretos, soçobraram de repente, como se não os aguentasse direitos nem mais um momento.

Apertei-lhe a mão antes de a soltar e depois encostei a cabeça cansada ao peito de ClanFintan.

— Sinto-me tão mal — murmurei.

— Esculápio, vem comigo. — Era a voz de pedra dele, e saímos do salão emudecido.



— Ela está assim há mais de dois sete dias. — Parecia mesmo que Alanna ia contar tudo, e lancei-lhe um olhar feio, mas ela não se calou. — Só que nunca antes se tinha mostrado doente em público.

— Já me estou a sentir melhor. Só preciso de me deitar. — Claro que eu não precisara de me gregoriar toda diante do povo (e em cima dos amigos), de ter o meu marido a correr para mim, pegar-me ao colo e praticamente zarpar (bem, galopar) rumo aos meus aposentos com Carolan e Alanna logo atrás. Resmunguei. — Estraguei os festejos. — Antes que ela pudesse falar, interrompi-a. — Alanna, tens de voltar ao salão e deixar toda a gente descansada em como eu tenho... Uma espécie de... de... — Olhei para Carolan a pedir ajuda, mas ele não adiantou terminologia médica. — De transtorno de barriga, e agora que Carolan e o meu marido voltaram, ficarei bem.

Alanna abriu a boca para protestar, mas eu joguei o meu trunfo.

— Tens de fazer isto por mim, senão o povo fica raladíssimo.

— Com certeza. — O sorriso apertado mostrou-me que ela conhecia bem as minhas táticas. — Mas volto assim que deixar toda a gente descansada. — Deu-me um beijo rápido na testa suada e deu uma palmadinha maternal no braço de ClanFintan, antes de beijar Carolan na boca e de sussurrar: — Por favor, querido, descobre o que se passa com ela.

— Eu ouvi! — exclamei em voz débil já para as costas dela. Não me ligou nenhuma.

Voltei a dar atenção aos dois homens que me observavam como se eu fosse um ovo prestes a chocar.

— Porque não enviaste notícias da tua maleita? — ClanFintan parecia mais magoado do que zangado.

Comecei a refilar que estava tudo bem, mas o semblante dele indicou-me que esse joguinho já não rendia nada.

— Não queria que te ralasses, e acho que pensei que, se não admitisse haver problemas, então não haveria problemas.

Ele grunhiu e percebi que me achava uma tonta.

— Terei de te examinar, Rhea. — Carolan falava com voz apaziguadora.

— Está bem... — Até me tremia a voz.

— ClanFintan, mando chamar-te quando terminar o exame. — Agora Carolan era o general a dar ordens e a contar que as acatassem.

— Prefiro ficar com Rhea. — Sempre o teimoso do meu marido.

Antes que eu pudesse atalhar, Carolan falou com a certeza calma da experiência.

— Seria melhor para ela ter privacidade. Confia em mim, meu amigo. — A mão dele agarrou no ombro musculado do centauro e eles fitaram-se.

ClanFintan desviou o olhar primeiro. Abruptamente, baixou-se e deu-me um beijo na testa húmida.

— Estou lá fora. Chama se tiveres precisão de mim. — E saiu rapidamente.

Tentei fazer um sorriso corajoso para Carolan.

— Obrigada. Eu adoro-o, mas esta coisa toda deixa-me constrangida, e tu, bem, tinhas razão quanto à privacidade.

Ele sorriu também e sentou-se ao meu lado; o colchão cheio de penas inchou todo no resto do espaço.

— É uma disposição para dormir muito interessante, o que vocês têm aqui. — Ele abarcou o enorme colchão que estava diretamente no chão dos meus espaçosos aposentos.

— Estar casada com alguém que é parte cavalo exige soluções criativas para coisas em que nunca se pensaria doutro modo. Quer dizer, a sério, como é que um cavalo pode caber numa cama convencional? E *eu*, Amada de Eponina, preciso certamente de muito mais além de serradura ou um fardo de palha. — Dei palmadinhas no colchão. — Isto serve para nós.

— Alanna diz que tens um nome especial para isto.

— Suspiro. — Sorri-lhe. — É um bolinho feito de claras em castelo e açúcar do meu antigo mundo. — Carolan, Alanna e ClanFintan sabiam da minha verdadeira identidade. Por vezes, era um alívio poder descontraí-me e fazer referência à minha vida anterior sem ter medo de me denunciar a mim mesma. A descontração, apercebi-me então, devia ter sido

o meio com que Carolan conseguira fazer-me tagarelar. Estar recetora do seu famoso e conceituado jeito com os doentes era uma experiência nova e nada desagradável.

— Então, agora que já não estou com falta de ar, o que se segue?

— Nada de pavoroso — garantiu ele. — Apenas algumas perguntas primeiro, e depois faço-te um exame. — A confiança na voz dele acalmou-me os nervos em franja. — Diz-me há quanto tempo te sentes doente.

Comecei a responder com uma graça, mas ele pôs a mão no ar e interrompeu-me.

— Tens de ser sincera, Rhea. Se não fores inteiramente verdadeira, vai custar-me muito saber ajudar-te.

Suspirei.

— Quase há três semanas ou, como Alanna diria, três sete dias. Só tem sido tão evidente nas últimas duas que já não consigo esconder-lhe nada. — Fiz um ar sofredor para ele ver. — Sabes como ela é abelhuda.

Ele revirou os olhos e começou a fazer palpação das glândulas do pescoço.

— Não é preciso dizeres-me a tenacidade que ela tem no que toca ao bem-estar daqueles a quem ama. — Depois Carolan tomou-me o pulso. — Há quanto tempo te purgas?

— Purgas? — Fiquei confusa. A bulimia nunca me interessou. Sempre fui rapariga do tipo “comer tudo o que aparecer à frente e treinar que nem uma doida”, no que toca à gestão do peso.

— Alivieres-te do que comes. A vomitar — esclareceu ele.

— Pois de certezinha que não faço de propósito.

— Com certeza que não! — Ele parou o exame para me lançar um olhar chocado.

Por instantes, uma tirada sarcástica subiu-me aos lábios, mas lembrei-me de que ele não se fingia chocado por aquilo que os meus pares no século XXI consideravam norma. Sei que custa a crer, mas por vezes esqueço-me de que já não estou num mundo em que a beleza se define por modelos anoréticas e nervosas com mamas de silicone.

— Certo, bem, tenho andado a vomitar há pouco mais de uma semana, mas já há quase três que me sinto capaz de me gregoriar a qualquer momento. — Antes que ele ficasse confuso, fiz uma voz professoral e informei: — Gregoriar-se é vomitar.

— Gregoriar-se — ponderou ele, a abrir uma enorme mala de couro que nunca o largava. — Mas que termo interessante.

Sorrimos um para o outro.

— Tens mais sintomas além do estômago alterado? — perguntou.

— Bem — comecei, hesitante — sinto-me esquisita e deprimida e as-

sustadiça. — Calculei que isto abrangia ter tido as emoções todas descontroladas e até possíveis alucinações na noite anterior.

Ele deu-me palmadinhas no braço e tirou da mala um objeto comprido em forma de funil que parecia feito de papel almaço.

— Senta-te e respira fundo, se faz favor — disse ele, e fiquei a vê-lo usar o funil em jeito de estetoscópio rudimentar.

Parecia contente com o que ouvira, pois pousou o funil e continuou o exame, a palpar, a massajar e a observar com cuidado por todo o meu corpo, enquanto prosseguia com as perguntas. Perguntou de tudo, que tipo de flores andavam as aias a apanhar para os arranjos diários que me perfumavam os aposentos, até à frequência com que trabalhavam os meus intestinos.

Finalmente, terminou. A dar-me palmadinhas nas mãos que eu entrelaçara nervosamente, começou:

— Tenho a certeza que...

— Tenho um tumor cerebral! — O estômago revoltou-se e senti as palmas das mãos suadas. Carolan riu-se.

— Não tens tumor algum, Rhea, mas tens certamente algo no corpo que não estava lá há poucos meses. — Os olhos dele brilhavam, e apeteceu-me esganá-lo até os olhos lhe saltarem das órbitas.

— Uma trampa de um aneurisma. Eu sabia. Fui exposta a radioatividade, sei lá como, quando a Cabra Rhiannon trocou de lugar comigo. — Deixei-me cair na pilha de almofadas, a tentar impedir-me de chorar, em vão.

— Pela Deusa, Rhea, tu não ouves! — A voz de Carolan saiu-lhe frustrada mas bem-humorada. — Não estás a morrer. Não estás doente. Estás, simples e abençoadamente, grávida.

— Estou... estou... estou...

— Estimo que darás à luz em meados da primavera.

— Um bebé? — Sei que parecia parvinha, mas tinha a cabeça em água.

— É esse o diagnóstico ditado pela experiência. — Ele sorriu e começou a recolher instrumentos e a guardá-los na mala de médico. — Uma menina — acrescentou.

— Uma menina? Como é que sabes? — Desentrelacei as mãos e juntei-as num abdómen que parecia normalíssimo.

— A primogénita da Escolhida de Eponina é sempre uma menina. É uma dádiva da Deusa para ti e para o teu povo.

Sentia-me aturdida. Claro que me faltara um período, mas não pensara muito nisso. Atribuíra tudo ao stress. Um mundo novo numa dimensão diferente onde reina a mitologia. Tornar-me na Encarnação de uma Deusa. Combater hordas demoníacas. Coisas assim só podiam desregular o orga-

nismo a qualquer uma, no mínimo. Reparei que Carolan parecia cheio de pressa para se ir embora.

— Qual é a pressa? — Eu parecia à beira de um ataque de choro, o que agora, pelo menos, já fazia sentido. Hormonas.

— Alanna há de querer dar a boa nova ao povo. Os festejos vão prolongar-se noite dentro! — Empalideci e ele riu-se. — Não, não vai ser necessária a tua presença, mas não faltarão brindes à tua saúde e da tua menina. — Ele virou-se para mim uma última vez antes de abrir a porta. — Parabéns, Rhea, deixa que seja o primeiro a desejar à tua filha saúde e felicidade!

Ouvi-o a dizer a ClanFintan que já podia entrar quando passou a passo estugado pelo meu marido ainda preocupado. O centauro aproximou-se de mim, dobrou as patas e instalou-se no chão a meu lado com um gesto fluido. O semblante estava sombrio, a estudar o que só podia ser o meu ar de Barbie exposta a problemas de Linguística e Matemática.

— O que se passa, amor? O que te aconteceu?

— Tu! — Saiu-me um risinho meio histérico. Ele franziu o sobrolho de ralação.

— Eu? Eu fiz-te mal?

Endireitei-me e toquei-lhe na face.

— Tu não me fizeste mal, tu engravidaste-me.

Ele piscou os olhos duas vezes, o rosto neutro. Depois terá caído a ficha.

— Uma filha! — A voz funda ressoava de alegria. — Vamos ter uma filha?

— Sim... — Sabia que soava reticente, mas passara de tumor a bebé em menos de um fósforo.

ClanFintan pegou-me nas mãos e beijou-me as palmas antes de se debruçar e me beijar suavemente nos lábios.

— Credo. — Esquivei-me. — Estive a vomitar.

— Não me importo.

— Importo-me eu.

Ele afastou-se e estudou-me o rosto.

— Rhea, não estás contente?

— Estou assustada. — Saiu-me antes de refletir.

O semblante dele suavizou-se e ele puxou-me para o calor dos seus braços fortes. — Não tenhas medo. Eponina cuida sempre dos seus.

Encostei a face ao couro macio como manteiga do colete dele e confessei os medos.

— Não quero que fiques melindrado, mas o que é que eu vou ter?

Ele nada disse, e eu mordi o lábio. Adorava ClanFintan e não queria vê-lo sofrer, mas de facto ele era metade cavalo e pai da minha filha. Eu não

podia deixar de me ralar com a mistura de genes — especialmente sendo eu a parir — num mundo sem cesarianas nem epidurais.

— Ela terá a tua forma, Rhea.

— E o que é que terá que seja teu? — sussurrei-lhe no peito. Ele esperou um momento e depois respondeu baixinho:

— O meu coração. Ela terá o meu coração.

Abracei-o com força e senti os olhos marejados de lágrimas.

— Então ela terá tudo.

Os lábios quentes pousaram um instante no alto da minha cabeça. Depois mudou de posição para me pegar ao colo. Levantou-se num movimento fluido e dirigiu-se à porta.

— Oh, por favor, não me faças lá voltar com aquela comida toda e aquela gente toda. — Tentei, em vão, limpar manchas agarradas ao vestido empapado.

— Não, vou levar-te à sala de banhos. Esta noite sou eu quem trata de ti e da nossa filha. — ClanFintan sorriu-me, abriu caminho com os ombros e desceu o corredor particular na direção da sala de banhos.

Os guardas do templo saíram do caminho, fizeram continência e saudaram-me:

— Bênçãos para ti e a tua filha, Dama Rhiannon! — E abriram-nos a porta para a sala cheia de vapor.

Para um mundo onde não havia televisão nem internet, era sempre uma admiração a velocidade com que as notícias corriam.

Fiz um sorriso maroto para os guardas por cima do ombro de ClanFintan e pisquei-lhes o olho.

— Obrigada, rapazes! — Eu não “conhecia” os guardas (sim, biblicamente, pois) como a Dama Rhiannon original, mas não deixava de os apreciar.

— Não os incentives — ralhou ClanFintan, mas bem-disposto.

— Não tarda a que eu esteja gorda e grávida de mais, nem olham para mim.

— *Humpf* — comentou ele com toda a eloquência, e depositou-me perto da beira da piscina funda.

Uma das muitas regalias de ser a Encarnação de uma Deusa é um verdadeiro leque de aias muito entusiastas que consideram uma honra e um dever rodear-me de mimos e luxos antigos. Significa isto que só tenho vinho, comida, roupa, joias, cavalos, guerreiros do melhor... etc., etc., mas nada de televisão, telefone, computador ou carro. Em troca, tenho de cuidar da saúde espiritual do povo de Eponina: conduzir cerimónias (embora de peito nu, coisa a que demorei a habituar-me, especialmente com o tempo a arrefecer), servir de figura de proa, sabem, daquilo que a minha Deusa me

pedir, tanto quanto alcançam as minhas capacidades de antiga professora de Inglês do ensino secundário.

Tenho a certeza que fiquei com a melhor parte do negócio, ou seja, uma sala de banhos opulenta e perpetuamente pronta a usar.

— Eu ajudo-te com isso. — Os dedos ágeis de ClanFintan sobrepu-  
seram-se aos meus todos vomitados, já de si a esforçarem-se por abrir o  
alfinete incrustado de diamantes.

— Alfinete novo? — perguntou ele, a estudar a réplica miniatura da  
sua pessoa.

— Sim, hoje foi a primeira vez que o usei. Gostas?

— Gosto que fique perto do teu peito.

— Foi com conversas dessas, se bem me lembro, que eu fiquei neste  
estado. — Dei-lhe uma palmada a brincar.

— Eu já desconfiava que no teu velho mundo as pessoas não sabem,  
como direi, tanto quanto no nosso, mas se tu pensas que foi com conversa  
que engravidaste, devíamos...

— Tonto! — Dei-lhe outra palmada; o tecido outrora lindo e agora  
todo vomitado do meu corpete deslizou e ficou à mostra o dito peito de que  
ele falava. Vi-o mudar de semblante quando estendeu a mão e me rodeou  
suavemente um seio com ela.

— Já pareces diferente. Os teus seios estão mais cheios, mais convida-  
tivos. — A voz dele estava hipnótica quando me rodeou o tronco com as  
mãos e acariciou os seios pesados com as palmas.

Mesmo depois de estar casada com ele há meio ano, o calor do seu corpo  
ainda me deixava estarecida. A temperatura corporal normal de um cen-  
tauro fica vários graus acima da de um humano. O toque de ClanFintan era  
sempre eroticamente quente, e embora eu soubesse da fisiologia específica  
que assim o ditava, o calor tinha sempre um efeito afrodisíaco em mim.

Estremeci de expectativa, contente por já não sentir o estômago todo  
virado.

— Estás gelada... — O toque sensual dissipou-se e ClanFintan despa-  
chou-se a despir-me com toda a naturalidade o resto da roupa estragada.  
— Põe-te de molho — ordenou ele.

— Mas que romântico — resmunguei, a tentar dobrar-me sedutoramente e a tirar a tanga minúscula, mas ele já se virara para a prateleira perto  
da cómoda e procurava, a abrir frascos e a cheirar.

— O de baunilha e amêndoa está no frasco dourado — disse eu por  
cima do ombro. Entrei devagar naquela água mineral límpida e borbulhan-  
te e dirigi-me ao meu assento preferido.

ClanFintan virou-se para a frente, com um sorriso triunfante e o frasco  
dourado na mão.

— Agrada-me o aroma deste.

— Eu sei, por isso é que o uso. — E sorrimos um para o outro.

Os cascos dele ressoaram no chão de mármore quando se acercou da beira onde eu estava submersa. Num gesto rápido, despiu o colete de couro e pousou-o e ao frasco de sabonete perfumado no chão.

— Tenho de te lembrar de que não deves falar?

— Oh! — Até pisquei os olhos, admirada. — Não, mas eu não...

— Chiu... — E pôs-me um dedo nos lábios.

Fechei a boca e preparei-me para o que vinha a seguir — a Mudança. ClanFintan era Sumo-Xamã do seu povo e tinha a extraordinária capacidade de se metamorfosear. Não creio que alguma vez isso deixe de me espantar. Vi-o concentrar-se e senti uma tremura de desejo nostálgico. Só podíamos juntar-nos como marido e mulher se ele se metamorfoseasse, e por isso senti tal paixão quando o cântico dele começou. Porém, a Mudança tinha o seu preço. ClanFintan só podia manter uma forma diferente temporariamente, cerca de oito horas, e nunca estava verdadeiramente à vontade sem ser na forma de centauro original. A metamorfose propriamente dita causava-lhe um sofrimento terrível e, depois de voltar à forma de centauro, ficava enfraquecido durante horas.

De cada vez que ele conjurava a Mudança para passar à forma humana, proclamava a extensão do seu amor e compromisso para comigo.

O cântico aumentara de intensidade e eu ouvia distintamente a magia dos sons que me pareciam gaélicos nas palavras da voz aveludada de ClanFintan, uma e outra vez repetidas. Começou a levantar os dois braços até ficarem diretamente acima da cabeça, atirada para trás. O cabelo comprido caía-lhe solto nas costas, e não ocultava os músculos tensos e trémulos. Depois pareceu que a pele brilhava e cintilava, como no teleporte do *Caminho das Estrelas*. A pele incandescente ondulou como se fosse liquefazer-se. Eu sabia que devia fechar os olhos e protegê-los do clarão que viria a seguir, mas não conseguia deixar de contemplar a cara do meu marido. Era uma careta de agonia. A luz irrompeu dele, fez-me sentir cegar e chorar mesmo de olhos bem fechados contra a explosão de radiância prateada.

Ouvi-lhe a respiração entrecortada na escuridão calma que parecia sempre tão completa depois da luz da metamorfose.

— ClanFintan? — Não contive o medo na voz. Não tinha medo da magia, nem da Mudança dele. Tinha medo do que lhe custava, assustada não fosse ele nunca recuperar daquele sofrimento.

— Tenho... — a voz saiu-lhe áspera conforme tentava recobrar o fôlego — tenho-te dito para não te afligires tanto.

Esfreguei os olhos a tentar afugentar as manchas negras que me impediam de o ver.

— Eu sei, mas detesto que tenhas de sofrer tanto.

— É um preço que nunca lamentarei ter de pagar.

A vista clareou-me quando percebi que ClanFintan ainda estava de joelhos, onde a Mudança o fizera ir ao chão. Com uma mão, afastou o cabelo do rosto alagado em suor, com a outra amparou-se até ficar de pé. Parou assim um momento, e eu soube que reunia energia e se adaptava àquela forma humana muito mais pequena e muito menos possante.

Não era que ficasse um homem pequeno (em sentido nenhum da palavra). Aliás, era uma figura masculina belissimamente proporcionada. Alto e musculado, com a mesma amplitude de ombros e peito que já impressionava na forma original de centauro. Os quadris estreitos; pernas e nádegas firmes e benfeitas. Como tudo o resto que se destacava no corpo todo nu. E parecia todo contente por me ver, se é que me faço entender.

ClanFintan ergueu uma sobranceira e fez-me lembrar um Spock nu e devasso (imagine-se!).

— Está tudo — ClanFintan olhou para o próprio corpo — onde deveria estar?

Até me faltou o ar com o choque.

— Quer dizer que as coisas mudam de sítio na Mudança?

— Claro que não. — A gargalhada dele deixou-me descansada, bem como a maneira robusta e confiante com que se dirigia à beira da piscina. — Estava só, como é que tu dizes, *a meter-me para ti*. — ClanFintan tentou imitar-me o sotaque do Oklahoma com a sua voz funda e lírica.

— A meteres-te *comigo*, e não para mim, tonto. — Deitei-lhe água para cima quando se inclinou para pegar no frasquinho de sabonete. Depois ClanFintan desceu os degraus e juntou-se a mim dentro de água. — E sabes bem que ando a tentar livrar-me do sotaque da terrinha. — Felizmente, uma das muitas coisas que ser Amada de Eponina me concedia era a liberdade de ser excêntrica sem que o povo se espantasse. Partholon habituara-se simplesmente à minha maneira de falar inusitada. Eu até ouvira as criaditas a bichanarem coisas como “É o toque de Eponina”, depois de irem todas corridas a “minha gente” e “sim, senhoras” mais de uma vez.

— Não percas o sotaque. Agrada-me a maneira demorada e preguiçosa com que pronuncias as palavras.

— O maridinho manda — disse eu numa voz arrastada. E falava a sério. Um mês era muito tempo, e eu estava mesmo contente por ele estar em casa. (Ainda mais contente por ter finalmente o estômago sossegado e a deixar-me pensar em mais do que má disposição.)

— Ótimo. — ClanFintan estendeu a mão para trás de mim e pegou numa esponja grossa que estava à beira da piscina. Deitou generosamente

sabonete nela e pousou o frasquinho no chão outra vez. — Então o maridinho manda que a senhora se descontraia e me deixe tratar dela. — Ele calou-se e o olhar desceu até onde a água disfarçava, mas não ocultava, o meu corpo reclinado. — De vocês as duas.

As palavras fizeram-me voltar à realidade do meu estado interessante, o que me fez calar a boca mesmo. Dormente, deixei-o ensaboar-me os ombros num gesto lento e circular, e contemplei o facto de ter dentro de mim a vida de outro ser.

ClanFintan continuou calado a deixar-me pensar, conforme passava a esponja ensaboada por um braço e tinha o cuidado de me lavar as mãos peganentas do arroz. Depois o outro braço. O toque era calmante e senti a dormência dissolver-se com os últimos vestígios de arroz. Suavemente, ClanFintan passou-me a esponja pelo pescoço e mais abaixo, até aquela macieza me acariciar os mamilos muito sensíveis.

— Diz-me se te fizer algo que aches desagradável.

— Estás a fazer tudo muito bem. — Até me faltava o ar.

— Ótimo, vou continuar. — A esponja desceu-me à coxa, perna e pé, onde ele a pousou um pouco para me massajar a planta. O calor e a força do toque dele fizeram-me gemer de prazer. — Não me esqueci do quanto gostas de massagens aos pés. — Ele passou ao outro pé e continuou aqueles gestos terapêuticos.

— Obrigada, Deusa — sussurrei, e falava seríssimo. Há poucas coisas que uma professora mais goste do que de uma bela massagem aos pés (um aumento de ordenado, talvez, mas é mais fácil arranjar uma massagem aos pés — pelo menos no Oklahoma).

Cedo de mais, ele pegou na esponja e ensaboou-me a perna. Quando chegou aos ombros outra vez, já eu me sentia excessivamente limpa para uma mulher com a cabeça cheia de ideias porquinhas.

Endireitei-me daquela posição reclinada e vi os olhos dele acariciarem-me os seios molhados e ensaboados.

— Tu és uma mulher lindíssima.

— E limpíssima. — Deixei o corpo deslizar para a frente até poder entrelaçar as pernas à volta dele. Pus-lhe os braços à roda do pescoço e rocei os seios no calor sedutor do peito dele; adorei ficar com os mamilos todos tesos contra a pele dele. — Alanna que se cuide. Tu dás um belíssimo assistente de banhos.

Ele reagiu a devorar-me a boca na sua, a puxar-me com força contra si. Deixei as mãos explorarem a curva das costas e dos quadris dele, sentindo o prazer inundar-me o corpo com a maravilhosa textura dos músculos dele. O sabor dele, tão conhecido, abrasou-me os sentidos. Senti-me tão quente e molhada que já não sabia onde terminava eu e começava ele.

— Senti tanto a tua falta, meu amor. — A voz dele estava rouca de desejo, e fez-me sentir uma ânsia enorme no baixo-ventre.

— Como é que me poderia esquecer do teu calor? — Gemi, e mordisquei-lhe o ombro.

— Ah, Deusa! Eu sei que devia ser cuidadoso contigo, mas...

— Não sejas. Juro que não quebro.

Com um rugido de desejo puro, ele agarrou-me pelas nádegas. Levantou-me e, num movimento único, mergulhou dentro de mim. Fui ao encontro dele. Foi como se estivéssemos esfomeados um do outro, como se aquele mês separados tivesse sido uma vida inteira. O ritmo aumentou depressa e, antes que qualquer um de nós pudesse pensar em equações matemáticas ou impostos, o meu orgasmo deflagrou e explodiu quando o senti inundar-me de calor.

Ainda arquejante, ClanFintan trocou de lugar comigo e sentou-me ao seu colo com ele sentado no parapeito submerso. Ficámos agarradinhos, a deixar os corpos recordarem o bem que se encaixavam um no outro.

— Eu queria que isto acontecesse depois de tomar banho, secar e voltar ao nosso suspiro. — Senti-lhe o peito vibrar quando ele falou.

— Adoro a maneira como dizes suspiro. É como se desses a entender que é um tapete mágico, uma coisa especial e misteriosa.

— É especial e misteriosa para mim. — Ele inclinou-se e tamborilou com o dedo na ponta do meu nariz. — Nunca vi um suspiro verdadeiro.

— Tenho de me tentar lembrar da receita para poder explicar à pasteleira. Tem de ir ao forno muito brando.

Ele arregalou os olhos.

— Tem de ser um forno enorme.

— Um suspiro para se comer é mais pequeno do que o meu punho. O nosso colchão é que é enorme. — Ia desatar aos risinhos, mas fui interrompida por um arrotto enorme e embaraçoso mesmo na cara dele. — Ai! — Tapei a boca com a mão. — Desculpa, não queria...

E tornei a arrotar.

— O teu estômago? — A preocupação dele fez-me sentir menos mortificada.

— Acho que me deveria secar e beber mais daquele chá que a Alanna me tem servido. — Já estava a sentir-me enjoada outra vez.

Ele saiu facilmente da piscina, estendeu a mão e levantou-me até ficar a seu lado. Fomos a patinhar tudo até ao monte de toalhas felpudas e ele começou vigorosamente a secar-me.

— Credo! Estás a esfolar-me viva! — guinchei e tirei-lhe a toalha.

— Achei que estavas com frio por sair da água.

— Estou bem, a sério. Podes secar-te. — De súbito, sentia-me melin-

drosa, como se a pele estivesse demasiado sensível para sequer me tocarem. As hormonas são umas coisas muito estranhas.

— A Mudança vai secar-me. — O sorriso dele indicou-me que compreendia a minha mudança de humor, e que não se ofendia. Fiquei a rezar para que a paciência dele aguentasse o resto dos nove meses. Sabia-se lá o que mais o meu corpo me iria fazer.

— Obrigada, eu...

— Chiu — fez ele, e só então reparei que se afastara vários passos e que começara a entoar a cantilena que iria conjurar a Mudança.

Fechei a boca antes de pedir desculpa sequer. Tapei os olhos com a ponta da toalha mas fiquei a vê-lo metamorfosear-se. Parecia-me sempre que o regresso à forma de centauro se fazia mais depressa do que a transformação na forma humana que lhe era estranha. A pele cintilou e ondulou. Desta vez, fechei bem os olhos perante a explosão de cor. Quando a luz que sentia nas pálpebras fechadas amainou, soube que era seguro olhar (e falar).

— Senti mesmo muito a tua falta. — As palavras brotaram-me da boca quando olhei para a criatura magnífica que era o meu marido.

— E eu de ti. Eu nasci para te amar. — ClanFintan sorriu quando se acercou de mim, a fazer-me pequenina com o amor do seu abraço. Segurou-me com toda a gentileza nos braços maciços, olhou-me nos olhos e disse com simplicidade: — Não estou completo sem ti. É bom estar em casa.

Eu já vira muita magia deste mundo para saber que ele falava verdade. Por qualquer ironia do destino assombrosa, a minha Deusa fizera dele meu companheiro, ainda antes de eu fazer parte deste mundo.

— Sim — repeti as palavras dele — é bom estar em casa.

— Vamos! — ClanFintan pegou-me ao colo como se eu não pesasse mais do que uma criança (deixem que lhes diga, peso muito mais do que uma criança!).

— Sabes, eu posso andar muito bem. — Mas não estava a queixar-me. Adorava a segurança que sentia nos braços dele.

— Faz-me a vontade. Acabei de regressar.

Deu um pontapé na porta enorme, o casco a ressoar na madeira como uma sineta viva. Os meus guerreiros escancararam-na de imediato. Reparei como desviavam os olhos da minha pessoa embrulhada na toalha. Não há dúvida de que não queriam ver o meu marido a fazer-lhes má cara. Mas fiz questão de lhes acenar alegremente por cima do ombro de ClanFintan, e fui recompensada com sorrisos breves.

— Tu estraga-los com mimos.

— São amorosos. Seja como for, sabes bem que não tens de te ralar. Foi a outra Rhiannon quem achou por bem dormir com os guerreiros todos e mais alguns.

— Não creio que tenha dormido muito.

— Tu sabes o que eu quero dizer. — Dei-lhe um beliscão no ombro.  
— Como já deves saber muito bem, sou uma esposa fiel. Caraças, o meu cognome é Fidelíssima!

— Pensava que o teu cognome era Merlot. — ClanFintan riu-se da própria piada. Eu empalideci.

— Nem me fales nessa palavra. — A minha nova aversão ao vinho devia ser a maneira de Eponina garantir que eu não transformava a minha filha em pickles. Calculo que me devia sentir grata — e sentirei, assim que me vir livre desta vontade vergonhosa de vomitar (desculpem a aliteração).

Era óbvio que tinham refrescado os aposentos na nossa ausência. O colchão suspiro cheio de penas que nos servia de cama tinha roupa lavada, e estava servido um pequeno jantar para dois na mesinha da alcova que ficava em frente às portadas panorâmicas, agora de cortinados corridos, que davam para o meu jardim particular. Farejei o ar, desconfiada, com medo que os aromas culinários me despertassem o reflexo do Gregório. Quando o meu nariz não cheirou nada a objetar, aproximei-me da mesa com hesitação. A tentativa do marido de conter a galhofa atraiu-me a atenção.

— Qual é a graça? — perguntei.

— Pensei nunca ver o dia em que te aproximasses da mesa com nervoso miudinho.

O meu marido sempre se divertira com o meu apreço por uma boa refeição. Aliás, mais de uma vez comentara que eu tinha o apetite de uma Caçadora centáuride, o que lhe despertava muita ternura.

A mim desperta menos, dá-me mais razões para fazer exercício que nem uma condenada.

— Hilariante. Não te esqueças de que já vomitei num da espécie centauro esta noite. — Quando cheguei à mesa, suspirei de alívio. A mão delicada e a capacidade de gestão infalível de Alanna eram evidentes. Havia uma terrina fumegante com um caldo quase cristalino e um ligeiríssimo aroma a galinha. Um cesto coberto com um pano tinha pedacinhos de pão tostado e rodela de banana. Uma chaleira de chá de ervas aguardava convidativamente que eu me servisse. Para ClanFintan, ela mandara fazer um prato de queijo e frango frio. Nem um grão de arroz ou algo que cheirasse a fritos, especiarias ou (*blhec*) molho de manteiga.

— Alanna é muito sábia — disse ClanFintan, instalando-se no canapé e começando a enfadar frango todo contente.

Servi-me de uma concha de caldo e dei uma dentadinha hesitante nas torradas.

— Conhecendo-a como conheço, já deve andar a fazer roupa para bebé. — Sorrimos um para o outro.

Comi o caldo devagar, dando tempo a que o meu estômago tão fácil de transtornar se habituasse à comida.

— Então dirias que a viagem foi um êxito? — perguntei, a soprar para arrefecer o chá quente.

— O Castelo Laragon prosperava quando partimos. Na primavera, os campos voltarão a dar colheitas curativas e flores balsâmicas como dantes. O repovoamento do Castelo Guardião correu bem depois de as mulheres se instalarem. Os novos guerreiros estão vigilantes. — Ele pigarreou como se a continuação do relatório lhe provocasse desconforto. — Tal como pensáramos, havia sinais de que os anteriores habitantes tinham sido negligentes na vigilância e na defesa.

Tinha sido um choque quando se descobriu que os Fomorianos demoníacos, inimigos de antanho de Partholon, tinham devassado o dito impenetrável Castelo Guardião, onde se defendia a única passagem pelas montanhas. Havia muita especulação quanto aos princípios da invasão. Olhei para ClanFintan de sobrolho erguido, a indicar-lhe que prosseguisse.

— As armas tinham ferrugem, estavam mal cuidadas e rombas. Os campos para torneios estavam cheios de ervas daninhas, provando que o treino de armas ou doutras competências necessárias para combate não se fazia. — O cenho dele carregou-se mais. — Mas não faltava vinho e cerveja, e mesmo ainda antes de desembalarmos os mantimentos que levávamos, encontrámos as cozinhas cheias a abarrotar de iguarias.

— Então comiam e bebiam e não faziam mais nada?

— Também encontrámos muitas pinturas *incomodativas* que retratavam... — Emudeceu.

Ora, a minha curiosidade estava ao rubro. O meu próprio templo estava cheio de frescos enormes com a minha imagem trajada apenas de cuecas, e só da cintura para baixo. Sem falar nos montes de donzelas risornhas a fazerem cabriolas seminuas (nas pinturas e pelo templo fora). Não conseguia imaginar que imagens é que teriam incomodado um centauro tão habituado a nudez casual e sexualidade aberta num mundo claramente matriarcal.

— Pronto, conta lá. O que é que tinham as pinturas?

— Gostavam de causar sofrimento uns aos outros. — Não se deve ter notado grande choque na minha cara (não se esqueçam de que ClanFintan nunca gramou com a MTV como eu tive de gramar), e ele continuou: — Causavam dor durante o ato sexual. E havia provas de que andavam metidos com um deus tenebroso.

Tive a sensação desconcertante de que talvez a pergunta que eu fizera a Alanna ao princípio do dia não tivesse surgido somente de uma ideia aleatória. Engoli em seco, não gostando nada de onde aquilo

provavelmente iria parar, mas sabendo que tinha de obedecer ao instinto guiado pela Deusa.

— Um deus tenebroso? A que te referes?

Ele parecia enojado e a voz assim o confirmou.

— Entre as pinturas das perversões estavam esboços que mostravam a Tripla Face das Trevas.

— Espera, não compreendo o que isso quer dizer. O que é Tripla Face das Trevas?

Ele falou mais baixo, o que só aumentou a minha apreensão. Quer dizer, estávamos completamente sozinhos. Porque é que ele tinha de falar mais baixo?

— Não me agrada falar de tais coisas. Não se deve falar num deus tenebroso sem cautela, nem mesmo sendo Sumo-Xamã, ou a Escolhida de uma Deusa Grandiosa. Porém, enquanto Amada de Eponina, tens o direito de saber exatamente o que é que os Fomorianos, e a decadência dos Guerreiros do Guardiã, deixaram entrar em Partholon.

— Podes dizer. — A voz saiu-me com mais coragem do que a que eu sentia.

— Pryderi é a Tripla Face das Trevas. Reza a lenda que outrora era um deus, como Cernunnos, só que escolheu as montanhas e as Terras do Norte para governar. A lenda também reza que era consorte de Eponina e que ela o amava. Depois ele começou a ansiar por mais poder — poder para subjugar Eponina à sua vontade.

Senti o erro da tentativa de Pryderi usurpar o poder de Eponina no mais fundo da minha alma. Partholon era um mundo matriarcal. Havia deuses venerados como consortes das deusas, mas com um lugar decididamente secundário. Os homens não eram brutalizados nem reprimidos em Partholon. Respeitavam a Deusa como criadora e parteira e, como tal, respeitavam as mulheres. Qualquer outra coisa acabaria por transtornar o belíssimo equilíbrio que fazia de Partholon um lugar inacreditável.

— E o que fez Eponina? — perguntei, embora o meu coração já soubesse a resposta.

— A raiva e a mágoa da Deusa foram terríveis. Expulsou-o de Partholon com tal ira que o aspeto dele fragmentou-se, como uma alma se pode estilhaçar de muito sofrer, e por isso é que as imagens o mostram com três faces. — ClanFintan desviou os olhos quando me explicou isto e percebi que não queria explicar mais, mas eu tinha de saber, e por isso insisti:

— Como são essas faces?

Ele suspirou pesadamente.

— Uma face não tem mais do que olhos. A boca foi cauterizada. O resto não tem feições. Outra face tem um buraco aberto com dentes, horrível de se

ver. Os olhos dessa cara também são buracos. A terceira face é de uma beleza inacreditável. Diz-se que ele era assim antes de atraiçoar Eponina.

Bebi o chá, a tentar não ligar à mão que me tremia.

— E há quem lhe preste culto em Partholon?

— Não. Se houver, apenas nos pontos mais obscuros da nação.

— Mas o Castelo Guardião não é uma parte obscura da nação.

— Pois não. Mas o povo deixou-se corromper, quer tenha sido pelos Fomorianos, quer por avareza e preguiça antes de estes se infiltrarem no castelo, nunca conseguimos esclarecer a sequência dos acontecimentos. O que é aparente é a influência de Pryderi no povo há já algum tempo. — ClanFintan tocou-me na face num gesto tranquilizante. — Nada temas, meu amor. É preciso abertura nossa aos sussurros venenosos de Pryderi para que ele ganhe domínio da nossa alma, e o Partholon de Eponina não se voltará a abrir facilmente a tais trevas. Nada temos a recear, os novos Guerreiros do Guardião não se esquecerão do seu dever.

— Ótimo. — Sacudi-me toda para afugentar a sensação sinistra que a conversa sobre Pryderi me causara. — Então, achas que a minha ideia vai dar certo?

Ele sorriu.

— Sim, as tuas ordens para fazer do Castelo Guardião uma escola de guerreiros calaram fundo nos novos habitantes.

— Vigilância e educação fazem sempre uma combinação excelente.

— É certo que o Castelo Guardião não deixará Partholon ficar mal outra vez — disse ele, muito sério.

— Não te parece que tenham sobrevivido Fomorianos suficientes para nos atacarem outra vez, pois não? — Eram criaturas malignas, vampíricas, que deviam estar no inferno. Sim, a ideia de conspirarem para regressarem pela passagem que o Castelo Guardião vigiava deixava-me cheia de pele de galinha.

— Creio que a varíola e as baixas na batalha os enfraqueceram ao ponto da aniquilação, mas temos de continuar preparados para qualquer retorno.

— Não achas que tenham levado mulheres grávidas com eles para lá da passagem, pois não? — perguntei, horrorizada.

— Rezo para que não.

Não me parecia uma resposta nada positiva.

— Então continuamos preparados e de olhos bem abertos.

— Sim — admitiu ele.

— Está bem. — Bocejei, e ele espevitou as orelhas (não literalmente).

— Quando o corpo te manda repousar, tu repousas — declarou o futuro pai.

— Para variar, não vou discutir. — Levantei-me, a espreguiçar-me como uma gata. Mesmo depois do assunto tenebroso, a canja quente e

o chá, a ausência de ralações em como não tinha nenhuma doença fatal, faziam-me sentir mais do que pronta para uma bela noite de sono. Já para não falar do orgasmo maravilhoso.

— Talvez a falta de discussão seja um efeito agradável da gravidez — disse ele no caminho para a nossa cama.

— Eu cá não contaria muito com isso — repliquei com outro bocejo.

Ele ajeitou-se no nosso colchão primeiro, e eu depois instalei-me numa posição confortavelmente aninhada nele. Sei que deve parecer uma parelha muito desajeitada, um ser que é metade cavalo a dormir com uma humana, mas não era. Fosse qual fosse a minha posição, uma das mãos dele encontrava as minhas costas, ou a curva da perna, e massajava-me a pele em padrões circulares. A carícia suave era como um soporífero. Adorava que o toque dele me levasse ao sono. Já tinha os olhos fechados quando a voz dele me interrompeu os pensamentos nublados.

— Admirei-me que não tivesses usado o Sono Mágico para me visitares. — Calou-se, mas depois acrescentou: — Ou foste ter comigo e não consegui sentir a tua presença?

— Não... — A pergunta acordou-me por completo. — Não tenho aqui-lo dos sonhos desde o teu combate contra Nuada.

Tirando um grunhido, ClanFintan nada disse. Sei que estávamos ambos a pensar naquela ocasião terrível da batalha contra Nuada, líder dos Fomorianos, que quase matara ClanFintan. Eu ficara inconsciente e a minha Deusa chamara o meu espírito para fora do corpo para que eu pudesse distrair Nuada. ClanFintan matara a criatura, os Fomorianos tinham batido em retirada num pânico de confusão, e a maré da batalha virara a nosso favor. Antes disso, Eponina usara os meus sonhos para me chamar para fora do corpo e enviar no que equivalia a viagens de reconhecimento espiritual do terreno, a espiar os inimigos e a provocá-los para que caíssem nas nossas armadilhas.

Porém, desde que os Fomorianos tinham sido derrotados, eu não fora chamada por Eponina a fazer viagens espirituais noturnas, mesmo quando tentara lançar-me numa, pouco depois de ClanFintan partir. Também não ouvira a voz da Deusa, à qual já me acostumara estranhamente, até ao dia de hoje em que ela me sussurrara as palavras *Não estás a desempenhar papel algum, Amada*. Foi preciso ouvir a voz dela outra vez para eu me aperceber do quanto o silêncio dela me incomodara.

— Tentei enviar o meu espírito para fora do corpo para te ir visitar, mas não aconteceu. Pedi a Eponina que me deixasse visitar-te. Era tão fácil antes, viajei tanto que até me fartei.

— Sim, eu lembro-me. — Senti-o mexer a cabeça.

— E ela também não tem falado comigo — disse eu numa vozinha.

— Rhea, a tua Deusa não te abandona. Tens de ter fé nisso.

— Não sei, ClanFintan. Não sei realmente nada disto de ser Encarnação de uma Deusa. Não te esqueças de que não sou Rhiannon.

— Sim, e eu agradeço à tua Deusa todos os dias por não seres. — ClanFintan falou numa voz firme. A verdade era que ninguém gostava de Rhiannon. Pronto, mais precisamente, a maioria das pessoas que a conheceu odiava-a, o que foi — ao princípio — uma fonte de irritação quase constante para mim. Mais, era uma confusão ser parecida com alguém que se fizera numa pessoa tão diferente.

— Por vezes pergunto-me se apenas não terei imaginado ser a Escolhida de Eponina.

— Tens Eponina em tão pouca conta? — ClanFintan não parecia zangado, apenas curioso.

— Não. — A minha resposta não tardou. — Já senti a presença dela e senti o seu poder.

— Então será a ti que tens em pouca conta.

Para isto, não tive resposta. Sempre me achara uma mulher forte, com um ego sadio e um amor-próprio excelente. Mas talvez o meu marido tivesse razão. Talvez eu precisasse de refletir comigo mesma em busca de dúvidas e fraquezas, e não com Eponina.

Poderia ser essa uma das razões para a grande diferença entre mim e Rhiannon? Eu sabia que a falta de autoconfiança pode ser destrutiva e mudar a vida das pessoas, mas decerto também é saudável ter consciência de si? Será que Rhiannon ficara tão mimada e caprichosa que já nem tinha dúvidas quanto a si própria? Misture-se isso ao poder de ser Amada de Eponina e talvez, como o Júlio César de Shakespeare, ela se tivesse tornado “no ovo da serpente que chocou e que cresceu malicioso como a sua espécie”. Teria Eponina feito aquilo que Bruto considerara e, ao trocar-me por Rhiannon, esmagado a casca dela antes que a malignidade nela incubada destruísse Partholon?

Ou estaria eu a deixar que a literatura inútil que me atulhava a cabecinha de professora me desse a volta ao juízo?

— Agora descansa. — Mais uma vez, a mão dele começou uma carícia hipnótica, e o toque familiar de ClanFintan ajudou a sossegar-me a mente tagarela. — A tua Deusa há de esclarecer as tuas dúvidas.

— Adoro-te — murmurei quando uma onda de cansaço me fez fechar os olhos e adormecer num sono profundo.

*Estava eu muito bem a debicar chocalatinhos Godiva, deitada num divã macio e cor de violetas, situado no meio de um campo de trigo ondulante. Na ponta do divã estava Sean Connery sentado (trajado de smoking como no*

007). *Eu tinha os pés no colo dele e, com uma mão forte e firme, ele massajava círculos eróticos neles, com a outra, segurava num livro de poesia intitulado Porque Te Amo. Conforme lia naquele sotaque escocês carregado, ia olhando para mim com indisfarçada adoração...*

*... e fui subitamente sugada do meu sonho fabuloso e saí pelo telhado do Templo de Eponina.*

*— Eh lá! Ai que enjoo! — A voz do meu espírito soava fantasmagórica como eu já a conhecia, e sorvi ar da noite. A descarga de adrenalina que senti quando me apercebi de que a minha Deusa estava outra vez a dirigir o meu espírito debateu-se com a revolução no meu estômago. O meu espírito pairou sobre o centro do Templo de Eponina, muito quieto conforme eu me orientava e habituava outra vez ao Sono Mágico — que nada tinha de sono, mas sim de viagem da alma, e por isso excepcionalmente mágico.*

*Quando me passaram as vertigens, consegui descontraí-me e desfrutar daquela vista incrível. A lua estava quase cheia, e o luar prateado e límpido beijava as muralhas do templo até que me pareceram tomar forma, incandescentes com um rubor interior de mármore iluminado.*

*Abaixo de mim, percebi que os festejos estavam a terminar. Vultos sonolentos mexiam-se em grupos de dois, três e quatro, cambaleavam um pouco entre risos e graçolas a saírem do templo pela porta dianteira, rumo às suas casinhas jeitosas extramuros. Sorri quando reparei em vários pares com aparente dificuldade em saírem das sombras, e mesmo no caminho de casa, muitos continuaram sugestivamente abraçados uns aos outros.*

*O meu povo deve ter-se sentido inspirado a imitar o meu estado interessante.*

*Continuei armada em mirone espiritual e reparei num casal de centauros a alguma distância da multidão que debandava, do caminho empreendido por todos os outros. O meu corpo flutuou na direção do casal, até pairar por cima das costas da centáuride — a boa distância para não repararem na minha presença, mas não tanto que não visse que o casal eram os meus amigos Victoria e Dougal.*

*Não conseguia ver o rosto de Victoria, não ouvia o que diziam, mas vi que Dougal falava, e que as palavras atraíam a atenção da Caçadora (sei bem que não devia estar a cuscar desta maneira, mas o meu espírito não arredava pé — era uma excelente desculpa para meter o bedelho). Diante dos meus olhos, Victoria levou a mão aos lábios de Dougal e interrompeu-lhe o discurso. Depois avançou e, num único movimento fluido e gracioso, encostou a cabeça ao ombro dele e acenou com a cabeça.*

*A expressão radiante de Dougal fazia o luar parecer pálido quando ele abraçou a sua amada de todo o coração.*

*Sorri, a pensar que estava ansiosa por contar a Alanna que já não havia nada que impedisse Dougal e Vic de ficarem juntos.*

*Devagar, o meu espírito começou a avançar, deu privacidade aos meus amigos e deixou-me com a garganta embargada de felicidade. Viajei pelo céu noturno em direção à estrada, a qual dava para a cordilheira ocidental do planalto do templo. Passada a serra, ganhei velocidade e comecei a rumar decidida a uma quinta de aspeto limpo situada a norte da estrada e no meio de um vinhedo bem cuidado. A casa principal tinha de um lado um celeiro robusto com um curral, bem como outra estrutura ampla, provavelmente usada para fazer vinho, adega, lagar (que a Deusa os abençoe e guarde até eu dar à luz e recuperar o gosto pelo fruto da videira).*

*Por instantes, parei diretamente acima da casa, depois o fundo caiu de baixo de mim e fui despejada pelo grosso telhado de colmo.*

*— Quem me dera que me avisasses antes de fazeres isso — resmunguei para a minha Deusa, mas calei-me logo quando abarquei o que tinha diante de mim.*

*Estava a pairar perto do teto de um quarto de bom tamanho iluminado pelo que deviam ser centenas de velas brancas. Havia uma cama grande encostada a uma parede com janelas, um roupeiro ricamente entalhado e uma cómoda a combinar encostados a outra parede; bancos e mesinhas nas outras duas paredes — a mobília toda coberta de tecido macio e drapeado e alumia-da pelas velas cintilantes.*

*Havia mulheres em grupinhos abaixo de mim, em torno de uma mulher nua, de pé mas encostada pesadamente ao espaldar de um canapé estofado, como aqueles que usamos no templo. A mulher nua encontrava-se obviamente muito grávida. A cabeça estava baixa, os olhos fechados com a concentração. Vi-lhe a barriga madura ondular e a respiração adensar-se.*

*Conforme observava a cena diante de mim, apercebi-me de que as outras mulheres eram uma unidade unívoca e concentrada. Uma mulher fazia gentilmente pressão na zona lombar da grávida com a palma da mão, outra mulher estava agachada diante dela, a respirar ao mesmo ritmo arquejante que ela já tinha. Duas mulheres abanavam leques para que houvesse sempre uma brisa suave na parturiente. As outras mulheres trauteavam ou cantavam baixinho.*

*O meu corpo aproximou-se e aquela contração terminou. Instantaneamente, ela levantou a cabeça e fiquei espantada por lhe ver um sorriso satisfeito nos lábios cheios. Depois afastou uma madeixa de cabelo empapado da cara.*

*— Está quase na altura! — A voz dela era jubilosa, e não cheia de dor e esforço como eu estaria à espera.*

*Vivas e risos pelo quarto fora.*

*Uma mulher alta e bem-parecida acercou-se da futura mãe e ofereceu-lhe de beber numa taça. Outra mulher, adolescente, limpou-lhe a fronte com um pano grosso. Todas as mulheres sorriam, como se participassem num aconte-*

*cimento cheio de tal assombro que lhes fosse impossível conter a felicidade que transbordava assim.*

*— Ajudem-me a ficar em posição... — A voz da grávida era baixa mas projetou-se pelo quarto fora. Avançaram três mulheres mais velhas. Uma ajoelhou-se diante dela. As outras duas apoiaram-na de cada lado e ela agachou-se. A contração seguinte assolou-lhe o corpo. Vi-lhe os músculos contraírem-se e ela respirar fundo e começar a fazer força.*

*As mulheres que rodeavam o grupo formaram um círculo e deram as mãos enquanto trauteavam uma melodia sem palavras, que me fez lembrar a música de Loreena McKennit.*

*— Já vejo a cabeça!*

*A barriga protuberante da mulher descontraiu-se um instante e depois ela respirou ainda mais fundo e fez força outra vez.*

*Após mais uma ronda de esforço concentrado, viu-se uma forma molhada e pulsante a sair-lhe de entre as pernas e logo apanhada por outra mulher expectante.*

*— Nasceu a tua filha! — exclamou a matrona.*

*As outras mulheres deram vivas.*

*— Bem-vinda, pequenina!*

*Encontrei a minha voz algures no meio das lágrimas e juntei-me àquele grito de júbilo. A minha presença só muito de vez em quando pode ser detetada quando estou em viagem do espírito, e fiquei admirada e encantada quando vi a cabeça da jovem mãe erguer-se em reação ao som da minha voz etérea. Os olhos dela brilhavam marejados de felicidade e eu senti a mudança no meu espírito que me indicava ter o corpo flutuante já visível.*

*— A Amada de Eponina assistiu ao nascimento da minha filha! — A voz cansada estava em êxtase.*

*As outras mulheres começaram a bater palmas e a rirem-se — algumas até improvisaram uma dança, a girarem e a rodopiarem com as mãos a desenharem padrões complicados no ar. Aquela alegria era contagiante e, enquanto as mulheres limpavam a recém-nascida e a mãe, senti o meu corpo em espírito acompanhar o ritmo da canção.*

*Ocorreu-me uma ideia. O milagre do nascimento é e deve ser sempre um momento de poder para qualquer mulher — como na cena diante de mim. Talvez este mundo antigo tenha muito a ensinar àquele moderno de onde vim. As cesarianas e as epidurais deviam ser bênçãos para as mulheres, mas ocorreu-me de súbito se não teriam passado a ser meios de roubar a magia do poder do parto a toda uma geração de mães.*

*Com esta ideia na cabeça, senti o meu corpo em espírito começar a subir. A nova mãe ergueu a cabeça de onde repousava e acenou ao meu vulto evanescente.*

*Senti o coração cheio e em paz quando flutuei satisfeita de volta ao templo, e desci pelo teto dos meus aposentos. Quando o espírito se juntou ao corpo e voltei a um sono profundo, passou-me pela cabeça um sussurro: Repousa agora, Amada, e não duvides de que estou sempre contigo...*



**A**manhã espreitou com demasiada vontade por uma frecha dos cortina-  
dos que cobriam as portadas do meu jardim particular.  
— *Ompf* — resmunguei, e estava quase a puxar as mantas para cima  
da cabeça quando vi movimento e olhei para o quarto, onde vi Alanna e  
Victoria sentadas no canapé a mirarem-me com olhos brilhantes e sorrisos  
amplos.

Pestanejei e esfreguei os olhos, não fossem elas imaginação minha ain-  
da toldada pelo sono.

Não desapareceram. Aliás, os sorrisos chatinhos até aumentaram.

— O que estão as duas a fazer? — grunhi, a fazer má cara às convidadas  
e a passar a língua pelos lábios. A boca sabia-me a papéis de música.

Não sou uma pessoa matutina. Nunca fui — jamais quero ser. A bem  
dizer, desconfio de gente que salte da cama toda espevitada como cachorri-  
nhos tontinhos. É uma barbaridade acordar antes das nove da matina.

— Estamos aqui para te desejar alegria pelas benditas notícias da tua  
filha! — trinou Alanna.

— Sim, tentámos esperar que acordasses, mas já é quase meio da ma-  
nhã e não conseguimos esperar mais! — Até a voz bonita de Victoria me  
soava esgançada esta manhã. Depois ela acrescentou timidamente: — E  
tenho notícias para ti também.

— Tu e o Dougal vão casar-se — disse eu e peguei numa camisa de  
noite comprida de seda que estava ao fundo da cama. Enfiei-a pela cabeça a  
tempo de ver a expressão de pardalito sobressaltado de Victoria.

— Como...

Dei a resposta habitual que servia para tudo.

— Eponina.

— Ahhh — fizeram as duas, com as cabecitas a mexerem em unísono.

— Pois acho maravilhoso, Vic. Vocês os dois vão ser ótimos um para o outro. — Pisquei o olho a Alanna, que se riu quando acrescentei: — E será bom ver o coitado do Dougal a sorrir mais vezes. Era um centauro muito triste quando lhe deste tampa.

Custa a crer, mas Victoria, a Senhora Dona Caçadora Segura de Si, até corou, e ficou com um ar tímido e ameninado.

— Trouxe-te chá, Rhea. — Alanna passou-me uma caneca fumegante de chá aromático. Peguei-lhe e empoleirei-me no canapé à frente delas.

— Obrigada. — Soprei e bebi um gole.

— As tuas palavras obrigaram-me a ouvir — explicou a Caçadora devagar. — Finalmente ouvi o que ele me tentava dizer há já tanto tempo. Ele ama-me. A mim. — O rosto dela estava radioso. — Não preferia que eu fosse mais nova. Não quer que eu mude e seja o tipo de parceira que fica em casa. Compreende que o cargo de Chefe das Caçadoras é, e vai continuar a ser, a minha vida. — A felicidade que lhe emanava do rosto até me deixou sem fôlego. — Ele simplesmente quer-me a mim.

— Hum, Vic — comecei. — Era isso que eu e a Alanna te andávamos a dizer há séculos. Devia ter tido aquela conversa de vida ou morte contigo mais cedo.

Isto recordou a Alanna o propósito original da visita delas.

— Uma filha! — exclamou ela alegremente.

— É uma bênção! — corroborou Victoria.

— Já podem parar de sorrir. Estou a ficar cheia de nervos.

Bateram à porta.

— Entrem! — ordenei. Entraram de supetão três aias de seda vestidas, com bandejas cheinhas de um pequeno-almoço que só podia ser delicioso. As três começaram a palrar ao mesmo tempo.

— Parabéns, Senhora minha!

— Estamos tão contentes!

— A alegria da boa nova!

Quando eu cheguei a este mundo, o povo tratara-me como uma pessoa que deve ser adorada e venerada, literalmente elevada num pedestal. As pessoas que me estavam mais próximas, e que lidavam com Rhiannon diariamente, tratavam-me como se eu fosse uma bomba-relógio. Com todo o cuidado, como se esperassem que eu rebentasse numa birra de proporções divinas a qualquer momento. Fora preciso um esforço

concertado e coerente para convencer as pessoas dos meus contactos regulares de que eu mudara (infelizmente, não lhes podia contar mesmo que era uma pessoa diferente). Embora me agradasse que nos últimos seis meses tivesse logrado pôr as aias à vontade comigo, esta manhã aquele afeto familiar fazia-me dores de cabeça. Senti-me zozza com os cuidados, a tocarem-me com reverência depois de porem a mesa para a refeição matinal.

— Obrigada, pequenas. — Tentei sorrir-lhes. — Estão dispensadas.

— Sim, Senhora minha! — Derreteram-se em vénias graciosas. A saltitarem a caminho da porta, ouvi uma a dizer a outra:

— A Senhora *não* é uma pessoa matutina.

— Fazem-me dor de cabeça — disse eu depois de a porta se fechar.

— Adoram-te — corrigiu Alanna.

— Continuam a fazer-me dor de cabeça — resmunguei.

— Come alguma coisa, há de melhorar o humor — disse Alanna.

— Esperemos — acrescentou Victoria.

Franzi-lhe o nariz, e depois olhei para a comida. Uma salada de fruta fresca amorosa, queques integrais que pareciam acabadinhos de sair do forno, fatias de pão torrado ligeiramente, outra chaleira com chá de ervas e dois jarros com água e leite frio.

— Não sei se consigo comer. — Lá estava o estômago perigosamente às voltas.

— Experimenta uma torrada primeiro, depois as bananas da salada. Mande a cozinheira fazer estes queques porque são simples e saudáveis. Muitas vezes, a chave para controlar os enjoos dos primeiros meses de gravidez está em descobrir o que é que acalma o estômago da mãe — enunciou ela na sua voz melodiosa.

Respirei fundo e peguei numa torrada seca. Cheirei e comecei a mordiscar. O estômago continuou dentro do corpo, achei bom sinal.

— Aliás, os queques são de uma receita centáuride — disse Vic. Agarrou num da travessa e partiu-o ao meio.

— As centáurides passam por enjoos quando estão grávidas? — perguntei a Vic. A minha curiosidade era sempre grande quanto àqueles seres incrivelmente interessantes.

— Não. — Ela sorriu como quem pede desculpa. — Mas temos os bebés dentro de nós durante quatro estações inteiras.

Olhei logo para Alanna.

— Isso não quer dizer que eu também vou ter, pois não? — A voz saiu-me em tom de pânico (porque eu estava mesmo em pânico).

— Não — declarou Alanna, e deixei-me respirar outra vez. — ClanFin-tan só se une a ti quando está na forma humana.

— A gestação e o parto obedecem às mesmas regras que as de qualquer outra fêmea humana — acrescentou Vic.

As palavras dela fizeram-me lembrar a viagem do meu espírito naquela noite e senti-me sorrir.

— Eponina deixou-me assistir a um parto esta noite durante o Sono Mágico — expliquei às minhas amigas. — Foi espantoso.

— É verdadeiramente uma bênção. — Alanna estava radiante.

— Um milagre portentoso — disse Vic com a boca cheia de queque centauro.

— Estou mesmo contente...

Sem pré-aviso, o meu estômago revoltou-se. Virei a cabeça a tempo de não vomitar para cima das minhas amigas e sim no chão, torrada meio mastigada e chá de ervas.

— Ai que nojo. — Limpei a boca com a mão trémula, a olhar desesperadamente para Alanna que se chegou logo a mim. — Tens a certeza que não estou a morrer?

— Absoluta — respondeu ela; deitou água do jarro numa taça e serviu-ma.

Bebi, agradecida, e limpei da boca o gosto a vômito.

— Vamos lá — disse Alanna e fez-me levantar. — Vais sentir-te melhor depois de tomares banho e te vestires. — Passou-me um queque e a caneca de chá. — ClanFintan disse-me que o podem encontrar no recinto do templo a orientar a construção de novos aquartelamentos para os centauros, e a verificar os mantimentos para o inverno.

— Também tenho que fazer perto dos novos aquartelamentos. — Vic deu-me um abraço e depois franziu o nariz. — Cheiras mal, Rhea.

— Ai obrigadinha. — Respirei para cima dela de propósito, e ela despachou-se rumo à porta. — Venho ver-te depois de recuperares e voltares à tua pessoa divina — disse por cima do ombro.

— Ainda podes ter de esperar pela primavera! — berrei-lhe para a garupa.

Virei-me e ainda apanhei o sorriso que Alanna tentava dissimular com uma tossidela.

— Sabes — começou ela. — A sensação de mal-estar só costuma durar parte da gravidez. Mais — continuou, ignorando o meu olhar malvado — tenho reparado que as mulheres muito achacadas ao princípio costumam ter os bebés mais saudáveis e felizes.

— Bom, deve contar para alguma coisa. — Ainda estava rabugenta, mas confesso que já me sentia melhor. Cheirei o queque que tinha na mão, e de repente senti fome. Dei uma dentada e fiquei admirada com o sabor delicioso a nozes que me encheu a boca. — Achas que há limite para a

quantidade de vezes que uma grávida pode ir ao gregório num só dia? —  
perguntei, esperançosa, quando nos dirigíamos à sala de banhos.

— Não — respondeu Alanna animadamente.



— **B**rr! — Agasalhei-me mais nas pregas do manto de arminho, contente por ter escolhido trajar a roupa de montar: calças de cabedal macias como manteiga, camisa de couro com laçadas e botas até ao joelho, as quais têm estrelas entalhadas na sola; onde quer que eu vá, deixo pegadas bonitas. É mesmo bom ser a Encarnação de uma Deusa. — Está mesmo a arrefecer. — Eu e Alanna caminhávamos lado a lado no pátio das traseiras, situado entre os estábulos e o templo propriamente dito. Estava um dia nublado e húmido, o que só piorava o frio que fazia (e o meu cabelo todo frisado).

— Parabéns, Dama Rhiannon!

— Bênçãos para ti e a tua filha, Senhora minha!

Toda a gente que passava por nós nos felicitava. Era como andar embrulhada numa manta de cuidado e afeto e amor...

Era sufocante, e lá voltava a dor de cabeça. Embora Alanna tivesse razão, eu sentia-me de facto melhor depois de tomar banho e de me vestir (e de comer três queques deliciosos).

Os novos aquartelamentos dos centauros ficariam do lado setentrional do templo, a leste dos estábulos, mas ainda intramuros. Como eu aprendera meses antes, Eponina era uma deusa guerreira, e o templo fora erigido para refletir as prioridades de proteção e defesa. As muralhas do templo eram lindíssimas, mas também grossas e altas. Os campos em redor do Templo de Eponina estavam bem tratados mas também livres de qualquer obstrução que ajudasse um exército atacante — como se viu na invasão fomo-

riana, quando o exército tentou tomar o templo mas não conseguiu, e a batalha pelas nossas vidas travou-se nos campos circundantes.

Sacudi esta recordação desagradável e olhei em redor para a energia concentrada diante de nós. Centauros e humanos trabalhavam bem a cortar e a encaixar pedra. O esqueleto do novo edifício já se via, mesmo no labirinto de andaimes de bambu que parecia alastrar por toda a parte. Dava-me uma sensação de intemporalidade, assistir à construção daquele edifício de mármore, como se me fosse dado ver a Roma de César e a construção do Fórum.

— É espantosa a rapidez com que vai ganhando forma — comentei num sussurro para Alanna. — Sem ajuda da tecnologia, eu diria que uma estrutura assim demoraria décadas a erigir.

— Não temos *tecnologia*, como no teu antigo mundo — Alanna hesitou na pronúncia daquela palavra estranha — mas temos aqueles que estão ligados à pedra, bem como os Sidetha.

Olhei para ela em sobressalto.

— O que queres dizer, ligados à pedra? Que raio são os Sidetha?

Alanna riu-se.

— Os Sidetha são uma raça de mineiros. Vivem no Nordeste longínquo das Montanhas Tier, onde se podem encontrar os mármore mais bonitos. O Templo de Eponina é feito de mármore vindo das minas de Sidetha.

— Hum. Não fazia ideia.

— São um povo tímido e reservado que raramente sai das grutas.

— Hum — repeti, a pensar que, tirando a timidez, pareciam mesmo os anões de Tolkien. — A que te referes, ligados à terra? É por isso que os Sidetha são bons mineiros?

— Bem, creio que alguns Sidetha poderiam estar ligados à terra mas, no geral, parece-me que são apenas mineiros experientes, é a vida deles. Não, refiro-me à afinidade que algumas pessoas no nosso mundo têm por certos animais, ou espíritos, ou elementos. Por exemplo, tu tens afinidade com cavalos, especialmente pela égua escolhida por Eponina para ser a sua encarnação equina.

— Está bem, isso compreendo. — Eu e Epi temos um vínculo que vai muito além das relações normais entre humanos e cavalos. Fiz sinal com a cabeça para Alanna continuar.

— O mesmo se verifica com espíritos. ClanFintan é Sumo-Xamã, ou seja, tem uma ligação especial ao mundo dos espíritos. Ele sabe tocar no mundo dos espíritos de um modo muito mais íntimo do que tu ou eu conseguimos. Também lhe permite transformar-se fisicamente, como tu bem sabes.

Levei a mão a afagar a barriga (relativamente) lisa e trocámos um sorriso cúmplice de amigas.

— Por vezes há quem tenha afinidade com os elementos. Nas Planícies dos Centauros, os humanos que saibam ouvir o chamamento da água são venerados. Têm afinidade pelo elemento água, e sabem sempre o sítio ideal para abrir um poço. Os nossos ferreiros sentem um elo especial com os metais. Não raro, as mulheres com dons para a música ou a dança sabem tocar e moldar o vento com os seus espíritos e ter afinidade com o espírito da chama.

— E assim, há quem sinta algo especial pela pedra? — perguntei.

— Sim, mas geralmente quem está ligado com a pedra também tem ligação com a terra. Estão em sintonia com o solo e com tudo o que ele produz. Há pessoas assim ligadas que têm um talento especial para esculpir e entalhar a pedra. Dedicam a sua vida à arte de pedreiro. Através delas, a forma oculta dentro da pedra ganha vida.

— E temos uma pessoa dessas a trabalhar para nós? — Semicerrei os olhos a mirar os operários, a pensar em como seria uma pessoa ligada à pedra.

— Sim, foi bem fundo às minas dos Sidetha para encontrar as pedras perfeitas para a nova construção e agora voltou com ela e cá ficará enquanto demorar a fazer o edifício. Ter-te-ia falado nele há mais tempo, mas não te tens sentido bem.

— Nem me digas nada — resmunguei. — Pois apresenta-mo agora, tenho curiosidade de ver o homem da pedra.

Chegámos ao estaleiro e parou tudo para que homens e centauros me pudessem cumprimentar e dar os parabéns. Os vivos chamaram a atenção de um grupinho que saiu da infraestrutura do edifício. O mais alto era o meu marido, a quem deram várias palmadas nas costas e incluíram no frenesim das felicitações. Dougal e Victoria estavam com ele.

Alanna deu-me uma cotovelada e mexeu sugestivamente as sobrance-lhas.

— *Tenho que fazer perto dos aquartelamentos também* — disse, a imitar a voz rouca da Caçadora.

— Está a ficar uma desavergonhada — bichanei para Alanna.

Com ClanFintan, Dougal e Vic, estava um homem alto e magro que eu não conhecia. Quando o grupo se aproximou, ele também o fez e eu apercebi-me de que era mais novo do que me parecera ao princípio. O cabelo castanho grosso estava apanhado num rabo de cavalo, o que lhe dava um ar artístico que não combinava nada com o facto de ter claramente mais de dezasseis anos.

— Bom-dia, meu amor. — ClanFintan pegou-me na mão e debruçou-se para me beijar suavemente na boca. — Como te sentes esta manhã?

— Melhor — respondi, com um sorriso que queria deixá-lo descansado.

Ele apertou-me a mão.

— Parabéns, Senhora minha! — O rosto de Dougal estava radioso, e eu sabia que não era só pelas minhas boas novas. Pensei na maravilha que era vê-lo feliz. Tinha-me ralado que a sua personalidade naturalmente gregária se toldasse em algo triste e negro depois de lhe morrer nos braços um irmão, meses antes, mas agora via a doçura franca que refletia o amor que Dougal tinha pela vida na sua cara expressiva.

— Obrigada, Dougal, e parabéns para ti também por teres finalmente metido juízo na cabeça dura da Victoria.

Vic resfolegou para eu ver, mas enfiou o braço no de Dougal com toda a intimidade, e ele fez-lhe um sorriso de adoração.

— Gostaríamos que presidisses à cerimónia do vínculo, Dama Rhiannon — pediu Dougal.

— Ficaríamos muito felizes. — Vic sorriu-me.

Senti-me emocionada e tive de suster as lágrimas. Eram as hormonas, sem dúvida.

— Não me ocorre nada que me desse mais gosto fazer.

O casalinho sorriu-me. Engoli o nó que me embargava a garganta. Alanna fungou de felicidade. Éramos enjoativas. Não admirava que eu fosse ao gregório.

— Dama Rhiannon — começou Alanna quando acabou de fungar. — Apresento-te Kai, o nosso chefe dos pedreiros. Esta é a Dama Rhiannon, Encarnação de Eponina — terminou ela com um floreado.

O homem alto e jovem avançou e fez uma vénia baixa e respeitosa.

— Dama Rhiannon, agrada-me estar ao serviço de Eponina.

A voz dele era única — não era funda nem invulgarmente alta, até demasiado jovem para ser máscula, mas tinha algo que me intrigava. Fez-me pensar que gostaria de o ouvir ler.

— Talvez o mais importante sejam as pedras, agradadas por estarem ao serviço de Eponina? — perguntei, pois era impossível conter a curiosidade (e a fazer figas mentalmente para não me sair nenhuma gafe).

— Absolutamente, Senhora minha! — O rosto dele animou-se com um interesse que sempre desejei ver emulado nos meus alunos. Claro que eles nunca saberiam o que significa emulado. Suspiro. — Procurei nas minas dos Sidetha até encontrar o veio de mármore que falava o nome da Deusa. É desse mármore que estão a ser formadas as colunas de sustentação.

— Gostaria muito de ver esse mármore — retorqui, intrigada com a ideia de que a pedra mostrasse preferências.

— Vem comigo, Senhora minha. Será uma honra mostrar-te.

— Rhea, eu e o Dougal vamos por aqui. Temos de verificar os cereais para o inverno. — ClanFintan levou a minha mão aos lábios.

— Está bem, vou ver isto da pedra e depois tenho de ir ver Epi. Ela tem estado muito agitada ultimamente. Quero ir dar uma volta com ela. Parece que o exercício a consegue acalmar. — Conheci muitas mulheres do Oklahoma que continuaram a montar enquanto grávidas, não me ralava nada com isso no meu estado dito interessante e delicado. Aliás, Epi não é um animal qualquer. Eu sabia que ela teria todo o cuidado comigo.

— Encontramo-nos depois nos estábulos.

— Bom-dia para ti, Dama Rhiannon. — Dougal fez-me uma vénia, depois tocou na face de Vic com uma carícia e foi atrás do meu marido.

— Se aguardares aqui, Senhora minha, vou mandar os operários limparem alguns andaimes para que possas ver melhor a principal coluna de sustentação — disse Kai, a voz algo esganiçada com a pressa, obviamente animado com a oportunidade de partilhar o gosto pelo mármore. Era uma ternura. Fiz que sim com a cabeça para o encorajar.

Quando ele se foi, Alanna deu-me outra cotovelada e apontou com a cabeça para Vic. A Caçadora ainda estava a olhar para onde Dougal desaparecera como uma adolescente apaixonada. Eu e Alanna entreolhámo-nos e fomos logo cercar a Caçadora.

— Miúda, estás mesmo caidinha — disse eu.

Vic pestanejou e focou o olhar outra vez.

— Não faço ideia do que é que estás a falar. — Parecia toda empertigada, mas também estava toda corada.

— Só posso dizer que é uma vantagem ele ser novinho. — E sorri para Vic.

— Dizem que os mais novos têm uma energia inesgotável — acrescentou Alanna com ar sonhador.

— Ele não é assim *tão* novo. — Vic tentou mostrar-se ofendida, mas eu bem percebi o sorriso que espreitava na fachada de Chefe das Caçadoras.

— Então conta lá. — Encostei-me a ela e falei num tom de conspiração. Há meses que lhe queria perguntar como era o sexo entre centauros. Agora parecia a oportunidade perfeita. Afinal, éramos mulheres, e as mulheres adoram falar de sexo (os leitores não ficam chocados, não?). — De que tipo, e em que quantidade, é essa energia de que o coitado do Dougal vai precisar? — Dei-lhe uma cotovelada e pisquei-lhe o olho. — Na vossa noite de núpcias.

Vic olhou para baixo e eu vi-lhe um sorrisinho aos cantos da boca generosa.

— Sim. — Alanna fez voz inocente. — Conta lá.

— Bem... — Vic fez sinal para nos chegarmos mais, e assim fizemos (aos saltinhos).

— Já viram cavalos a acasalar?

Assentimos as duas.

— Então sabem que mordem e guincham e dão coices quando a paixão está ao rubro? — A voz dela fez-me lembrar a de Mae West, de repente.

Assentimos as duas entusiasticamente.

— Sabem que, por vezes, o desejo é tão feroz que o acasalamento se faz com uma luxúria violenta e descontrolada? — A voz dela vibrava de intensidade.

Assentimos as duas muito entusiasticamente.

A respirar sonoramente, Vic calou-se. Olhou para Alanna, olhou para mim, e sorriu abertamente.

— Pois não é nada assim.

E com isto, saiu-lhe uma sonora gargalhada e ela rodou nos calcanhares, a dar à cauda altivamente.

— Ela não nos vai contar, pois não? — perguntou Alanna com voz anelante.

— Não parece. — Suspirei. — Maldição.

Alanna suspirou, a imitar-me a frustração (a não esquecer: perguntar finalmente a ClanFintan como é o sexo entre centauros).

— Senhora minha, não te importas de vir por aqui? — Kai voltara e fazia-me sinal para o acompanhar ao centro do estaleiro.

Eu e Alanna fomos então e eu bichanei-lhe:

— É normal ser assim tão novo? Quer dizer, é um adolescente! Nem deve ter dezasseis anos, credo!

— O espírito das pedras fala nele com força. Não importa que seja novo, apenas que esteja disposto a ouvir. Vais ver.

Chegámos ao pé dele no cimo da escadaria de mármore que já estava concluída. Era uma zona enorme, juncada com bocados de mármore, uns em bruto, outros já entalhados e lisos. À volta da circunferência da estrutura estavam os alicerces de colunas grossas. Ainda não estavam inteiramente formadas, e pareciam dentes partidos na boca de um gigante mas, quando avançámos para dentro do estaleiro, vi que já havia várias colunas centrais concluídas. Altas e orgulhosas, como que concentradas em dar bom exemplo às outras. Parámos diretamente em frente da coluna mais central, tão larga que nós os três não conseguiríamos dar as mãos a toda a roda, por mais que nos esticássemos. O mármore era de cor perlada e luminescente, com sulcos fundos e lisos a toda a extensão. O cimo estava entalhado num padrão circular de nós entrelaçados a emoldurarem guerreiros centauros empinados.

— Esta é a peça de sustentação central — disse Kai. A voz invulgar tinha um tom saudoso, e ele olhava com adoração para a coluna acabada de erigir. — Cada pedaço de pedra individual que usei na construção dizia o nome de Eponina. Trouxe-a comigo.

— Tu ouves uma voz no mármore? — Não pude deixar de perguntar. Ele sorriu-me.

— Não é bem um som, é mais como um sussurro dentro da minha cabeça.

Pensei na voz de Eponina e assenti.

— É uma sensação, mas ouves como se alguém tivesse falado.

— Sim! — exclamou ele.

— Ainda consegues ouvir a voz? — atalhou Alanna antes que eu perguntasse.

— Com certeza, o mármore fala sempre comigo. — Kai pôs a mão calejada, e que parecia muito mais velha do que ele, na coluna e fechou os olhos. Quando a mão pousou no mármore, pareceu-me vê-lo estremecer. Ficámos a vê-lo afagar a coluna. Por momentos, parecia que a pedra maciça se liquefazia na palma da mão dele. Parecia que a mão se afundava na pedra, como se o toque dele a tornasse argilosa e maleável. Fiquei a estudá-lo, e vi um contorno de radiância cintilante a rodear-lhe o corpo, semelhante à iluminação mágica que rodeava ClanFintan quando conjurava a Mudança. Depois Kai tirou a mão da coluna e abriu os olhos. O brilho foi-se, como se não passasse de imaginação minha.

— O mármore saúda-te, Encarnação de Eponina. — A voz dele era maravilhosamente serena.

— A sério? — exclamei. — Posso tocar-lhe?

— Com certeza, Senhora minha — disse ele, obviamente encantado com o meu pedido.

Aproximei-me da coluna e pus as mãos suavemente na superfície lisa.

— Hum... — pigarreei, nervosa. — Olá — sugeri, e senti-me muito pequenina ao pé daquela pedra enorme.

Fiquei admirada com a macieza do mármore nas palmas das minhas mãos. Assim de perto, vi que a aparência mudara. Vi que não tinha só uma cor, mas sim um misto de muitos tons e veios diferentes, todos em fusão para criarem aquele tom perlado distinto. Enquanto a estudava, senti de repente uma vibração, quase uma presença expectante, e as minhas mãos detetaram calor que vinha da própria pedra. Depois vi-me envolvida num rodopio de sentimentos, como que imersa numa água quente de emoções, ou abraçada por uma mãe extremosa. Tremeram-me as mãos, não de medo, mas do maravilhamento que sentia.

Ocorreu-me um verso de Shakespeare e sussurrei:

— Beleza rica de mais para usar, cara de mais para na terra ficar!

Depois o sentimento dispersou-se e, com uma carícia de despedida, tirei as mãos da coluna e deparei com Alanna e Kai a observarem-me com atenção.

— Falou contigo! — exclamou Kai.

— Não foi bem. — Deixei-me olhar mais para aquele mármore espantoso. — Mas senti alguma coisa. — Não sabia como descrever. — Algo de maravilhoso — terminei com grande falta de eloquência.

— Em que dia nasceste? — Ele parecia entusiasmado.

— No último dia de abril — respondeu Alanna antes de mim, e fiquei admirada por não se ter enganado.

Passou pelo rosto expressivo de Kai a luz da compreensão.

— Ah, és Touro. Com certeza! Deves estar em comunhão com a terra e com a tua Deusa.

Não fazia ideia do que ele estava para ali a dizer. Quer dizer, sei que nasci sob o signo do Touro, e passei muitas horas a fingir-me interessada nos sermões de vários namorados descartados quanto à minha teimosia (mas quem é que liga a homens depois de lhes dar tampa?). Porém, nunca dei muita atenção a horóscopos e coisas dessas. Bem, até há coisa de seis meses, não.

Alanna assentia toda contente.

— Bem, é bom saber. — Mais eloquência da minha parte.

Ouviu-se cascos a anunciar a chegada de um centauro que reconheci como um dos mensageiros do meu marido.

— Senhora minha... — Ele fez uma graciosa vénia de centauro. — ClanFintan pede que vás ter com ele aos estábulos.

— A Epi está bem, não está? — Fiquei logo aflita.

— Está muito agitada, e o Xamã pensa que a tua presença a poderá acalmar.

— Diz-lhe que não demoro. — Virei-me para Kai. — Obrigada por partilhares essa — vacilei, não queria escolher palavras erradas — magia comigo.

— Foi um prazer, Senhora minha. — O sorriso dele indicou-me que tinha escolhido bem.

Comecei a virar-me, mas ainda estendi a mão para dar uma palmadinha na pedra lisa, a despedir-me. Ainda estava quente.

— Rhea — começou Alanna quando arrepíamos caminho pelo labirinto do estaleiro. — Tenho de ir tratar dos preparativos para a festa do Samhain. Ainda há muito que fazer, não me parece que queiras tratar da escolha da comida.

— Credo — concordei. — Vai lá. Vê só que não falem daqueles queques dos centauros e arroz cozido. Vou ver da Epi e encontro-me contigo e Carolan ao meio do dia para o almoço. — Sorri-lhe. — Isto se estiveres disposta a correr o risco de comer perto de mim outra vez.

— Estou disposta. — Ela sorriu também. — Mas não me sento ao pé de ti.

— Espertalhona — resmunguei. Depois achei por bem acrescentar em voz baixa: — Como é que sabias que nasci a 30 de abril?

— É a data de nascimento de Rhiannon — sussurrou ela com um sorriso enviesado.

— Coincidência estranha — comentei.

— Apenas uma de muitas — retorquiu ela com ar pensativo.

— Hum — fiz eu sucintamente, antes de me virar para o centauro que me esperava. — Acompanho-te — disse-lhe, e dirigimo-nos rapidamente para a entrada dos estábulos, ricamente ornamentada.

Os estábulos de Eponina eram um edifício incrível, eu nunca antes vira nada assim, também feitos de mármore luminoso entalhado e encaixado por mestres pedreiros. Agora com olhos de ver, contemplei as colunas maciças que sustentavam a cúpula do edifício, e ocorreu-me de repente se a serenidade e aceitação que eu sentira ali desde a primeira vez em que lá tinha entrado se deveriam a mais do que à presença de animais maravilhosos. A não esquecer: voltar cá e fazer palpação ao mármore depois de deixar Epi mais calma.

O corredor central era largo e comprido. De cada lado ficavam cocheiras espaçosas e impecáveis, cada qual com uma égua única em beleza e temperamento. Despachei-me pelo corredor e fui saudada por relinchos entusiásticos. Fui-as chamando pelo nome, desejando ter tempo de parar e afagar focinhos reluzentes.

— Olá, Pasifaé, maravilhosa.

— Lili, fofinha, deixa lá a rede do feno.

— Heket, pequenina, és linda de mais para me mirares com esses olhos tristes.

E assim sucessivamente — uma cocheira após outra com éguas exemplares do melhor da sua raça. Quando cheguei ao fim do corredor, este virava abruptamente à esquerda. Porém, antes de entrar na área especial reservada à encarnação equina de Eponina, chegaram-me os guinchos agitados e os cascos nervosos a escarvarem o chão de uma égua excepcional, mesmo naquele grupo dos mais magníficos animais de Partholon.

Virei à esquerda e entrei num espaço enorme e arredondado com uma cocheira imensa que tinha um curral particular anexado. O meu marido e Dougal estavam de pé diante da cocheira fechada, bem como várias moças de estrebaria com ar abalado. Estavam todos concentrados na égua inquieta que andava de um lado para o outro da espaçosa cocheira.

Epi tinha uma beleza etérea. O pelo era um misto branco e cinza que resultava num incrível tom prateado, reluzente como mercúrio até ao tom de carvão em redor dos olhos e das patas delicadas. Tinha bom tamanho, provavelmente quinze mãos, e uma postura mais do que perfeita. Eu adorava tudo nela.

Como se tivesse capacidade para sentir a minha presença (e, na verdade, tem), ela girou e fitou os olhos sem fundo nos meus. Um relincho decidido varou o ar entre nós.

— Olá, minha querida. — Soltei uma risada de alegria e corri para ela. — Constou-me que estás a dar muito trabalho.

— Estamos contentes por te ver. — ClanFintan soava aliviado, e os outros também ficaram todos. O grupinho afastou-se para eu puxar a porta e entrar na cocheira.

— Ela tem estado assim desde que Ouranos chegou — disse eu, a fazer festinhas naquela cabeça linda e a dar beijinhos no focinho de veludo. — Mesmo com ele instalado do outro lado do templo, ela sabe que ele está lá e anda desassossegada há dias. — Epi esfregou a cabeça em mim e mordiscou-me a beira do manto.

— Ela precisa do parceiro — disse ClanFintan.

— E vai tê-lo, mas só amanhã à noite. — Eu andava a preparar-me para a cerimónia do Samhain há várias semanas, e também estava nervosa quanto ao complexo ritual que se pretendia garantir os próximos três anos de fertilidade para esta terra e o seu povo. Encostei a testa à dela. — E se fôssemos dar uma volta? Achas que depois ficas mais descontraída?

Epi mordiscou o escapulário do meu manto e soprou-me devagarinho na cara. Depreendi que dizia que sim.

Uma moça de estrebaria já tentava passar arreios por cima dela, e outra pôr-lhe um bridão ricamente esculpido. Embora ela estivesse invulgarmente nervosa, fiquei contente por ver que Epi não fazia birras típicas de cavalos. Epi sabia o que se passava, e portava-se com as boas maneiras do costume.

— Vamos... — ClanFintan apareceu por detrás de mim e ofereceu-me impulso para subir.

Epi ficou quieta até eu me sentar e depois lançou-se determinada para o portão do curral, que uma moça já estava a abrir. ClanFintan seguiu logo atrás de nós. Só tive tempo de acenar por cima do ombro para o resto das moças e Dougal, antes de Epi se lançar num trote regular, rumo a norte.

— Acho que vamos por aqui — disse ao meu marido, que me acompanhava facilmente. — Ela é quem conduz. — Fiz sinal com a cabeça para Epi e ClanFintan sorriu. Senti que ela estava ansiosa por esticar as patas, e sentei-me bem, agarrei-lhe bem nos flancos macios com as coxas, inclinei-me para a frente e sussurrei-lhe: — Vamos a isso, linda.

Ela virou uma orelha para trás e depois senti-a alargar a passada. Chegámos à beira da zona arborizada que rodeava o recinto do templo, mas o caminho amplo e nivelado que para lá seguia não fez Epi abrandar, nem eu tive de me afligir. Ela não era um qualquer animal desmiolado.

Abrandava quando fosse necessário, e não antes. Eu só tinha de me recostar e gozar a cavalgada.

O dia tinha esfriado mais e, embora não chovesse, caía uma bruma que obscurecia a paisagem e dava às árvores um ar bizarro e fantasmagórico. Reparei que a maioria já perdera as folhas e apercebi-me, desgostada, de que andara demasiado ocupada com a misteriosa doença do Gregório para apreciar o que devia ter sido um belíssimo espetáculo outonal.

O caminho bifurcava mais à frente. Eu sabia que do lado esquerdo seguia para os vinhedos, e do direito acabaria por levar aos arredores do Pântano de Ufasach. Não era um sítio aprazível. Eu e ClanFintan tínhamos tido de atravessar o pântano para escaparmos aos Fomorianos, e quase nos custara a própria vida. Infelizmente, Epi escolheu o caminho da direita.

Se queria ir a Ufasach, eu teria de exercer o meu direito de veto. Consolei-me a pensar que o princípio do pântano ainda ficava a vários quilómetros, e tinha a certeza que Epi se cansaria antes disso. Senão, eu é que ficaria cansada.

ClanFintan chegou-se para galoparmos ombro a ombro. Parecia descontraído e fresco, e eu sabia que podia aguentar horas sem se cansar visivelmente àquele ritmo que franqueava distâncias.

— Como te sentes? — perguntou ele sem sequer ofegar.

— *“I feel good!”* — Entoei a canção clássica de James Brown, e o meu marido revirou os olhos e soltou um suspiro profundo (não tenho grande jeito para a música, e gostaria de ter, não faz mal tentar). Depois refleti naquela resposta automática e apercebi-me de que era verdade. Ainda tinha uma sensação estranha e pesada ao fundo da garganta. Como quando se tem princípios de gripe, mas o estômago estava muito melhor depois de o encher de queques. Aliás, agora que conhecia a causa hormonal da maleita e das ideias loucas, estava mesmo mais descontraída e mais parecida com a pessoa raras vezes rabugenta que sou.

— Não esperes sentires-te cansada para parar. Devíamos voltar antes de ficares exausta.

— Está bem, está bem. — Imittei-lhe o revirar dos olhos. — Vou ter cuidado.

Acho que ele resfolegou, mas os cascos disfarçaram o barulho.

Continuámos em silêncio, e o galope rápido de Epi passou a um trote mais balançado e de cruzeiro. Eu gostava das mudanças de ritmo dela, suaves e impecáveis como o pelo cor de prata líquida. Depois o trote virou passo rápido, e descobri que não aguentava muito disso.

— Eia — fiz, sem precisar de puxar as rédeas. Epi virou as orelhas para ouvir a minha voz e abrandou de imediato. ClanFintan olhou para mim com ar interrogativo.

— Faz-me saltitar muito — expliquei.

Ele tornou a resfolegar. Epi também.

— Tu espera — disse-lhe para as orelhas expectantes. — Tu não tardas a ficar no meu estado também.

Ela não reagiu, mas ClanFintan tentou suster uma risada, em vão.

De súbito, Epi espantou-me ao estacar abruptamente. Já não tinha as orelhas para trás à escuta da minha voz, mas sim apontadas à direita do caminho. ClanFintan avançara alguns passos antes de reparar que paráramos, e trotou de volta a Epi, que mais parecia uma estátua.

— Para onde é que ela está a olhar? — perguntou.

— Sei lá. — Semicerrei os olhos, a tentar lobrigar algo no nevoeiro que se adensava. — O que foi, Epi? — perguntei, mas a égua não reagiu. Estava completamente concentrada num ponto à direita do caminho.

— Os pássaros estão mudos. — ClanFintan falava em voz sombria, e ouvi o silvo mortífero do espadão que ele nunca largava a ser desembainhado. — Fica aqui. — A voz funda estava áspera e imperiosa.

— Não quero ficar aqui sozinha! — Deviam ser as hormonas aos saltos (outra vez), pois não consegui deixar de me sentir muito indefesa. Era como se me tivesse transformado na “Barbie que Não Tem Par para o Baile”.

— A égua protege-te — disse ele antes de passar à nossa frente e entrar na orla da floresta. — E se eu te mandar mexer, tu mexes-te. — O nevoeiro engoliu-o numa cinza pegajosa e eu tive a lembrança desagradável da escuridão fugidia que me assombrara na campa do meu pai. Estremeci e tive vontade de berrar a ClanFintan que Epi não se mexia, quanto mais protegia, mas não lhe queria estragar a concentração. Nem queria dar a qualquer bicho-papão que espreitasse por ali a menor pista de que Epi se transformara no Cavalo de Pedra.

— Que raio está lá adiante? — bichanei para Epi, e senti-me encorajada quando ela virou uma orelha para me ouvir. — Bicho-papão? — inquiri num sussurro de conspiração.

Ela não reagiu.

— Fantasma? — perguntei.

Ela resfolegou, mas não me pareceu que fosse afirmativamente. Parecia mais “está caladinha e toma atenção”.

Suspirei e fiquei à espera. Só deveriam ter passado minutos, mas no meio do nevoeiro e da floresta, era como se tivéssemos sido raptadas pela Gente Pequena. Comecei a ralar-me com a complexidade da cronologia e Rip Van Winkle e... O corpo de ClanFintan materializou-se no nevoeiro. Voltei a respirar.

— Não encontrei ameaça alguma. — ClanFintan lançou um olhar exasperado a Epi. — O acasalamento estará a afetar o discernimento da

égua? A pouca distância da pista, há uma clareira pequena. Corre lá um regato, e há duas árvores vetustas...

— Um regato! — interrompi, a sentir-me espantosamente sequiosa. — Bem, se não há nada que nos queira comer, eu quero beber. — Levei a mão, quase de moto próprio, à barriga. — Depois será melhor voltarmos. — Olhei para ele como quem pede desculpa. — Se calhar, estou a ficar cansada.

Há que reconhecer a diplomacia de ClanFintan, não rallhou do género “eu bem avisei”. Abanou a cabeça e voltou à floresta, a fazer-nos sinal de que o seguíssemos

Estalei a língua para Epi e apertei-lhe levemente os flancos com os joelhos. Por instantes, achei que não me ia obedecer — sentia-a estranhamente fria e metálica debaixo de mim. Corri os dedos pela crina luzidia e afaguei o cachaço tenso, a murmurar carinhos. Depois senti-lhe o corpo como que a ondular e ela passou de cavalo de ferro para carne e osso. Deu um passo hesitante em frente, depois outro e finalmente seguiu a garupa de ClanFintan que já se adensava na floresta coberta de nevoeiro.

Em poucos passos, acabaram-se as árvores e entrámos numa bonita clareira, estranhamente livre de nevoeiro, como um oásis de claridade no meio de um dia de chumbo. Dei logo atenção às duas árvores maciças que estavam no meio da clareira. Um fio de água corria entre esses gigantes e desaparecia na floresta para longe da estrada. A água parecia convidativa e fresca.

— Vamos beber um trago — disse eu, e apertei os joelhos para Epi avançar, ainda admirada por aquela reticência invulgar. Hesitante, arrastou-se para o regato e juntámo-nos a ClanFintan, já ajoelhado e a beber com a mão em concha.

— Eu ajudo-te. — ClanFintan ladeou Epi e pôs as mãos quentes de cada lado da minha cintura para me levantar de cima da égua. Virou-me de frente para ele e, a sorrir, encostou-me a si e fez-me deslizar para baixo até os meus pés tocarem no chão. Ri-me e dei-lhe beijinhos na parte de baixo do peito, onde o colete se abria e mostrava os músculos (e também onde a minha boca ficava depois de estar em pé diante dele).

— Vai lá beber. — A voz dele ressumava emoção. — Estou ansioso por te levar de volta ao templo. Sabes que uma mulher à espera de bebé deve fazer várias pausas durante o dia: pausas em que se retira para os seus aposentos para *repousar*. — Ele demorou-se na última palavra para que não houvesse margem para dúvidas.

— Fazes-me massagem aos pés? — murmurei no peito dele.

— Entre outras coisas. — Até lhe ouvi o sorriso na voz.

— Combinado. — Apertei-o com força e dei-lhe mais um beijo no

meio do peito antes de me virar para o regato. Ajoelhei-me para beber e olhei por cima do ombro para a égua. Estava imóvel, como uma estátua de prata, com as orelhas viradas para a frente. Toda a atenção concentrada nas duas árvores maciças que ficavam um pouco a montante.

— Epi! — chamei distintamente. Ela virou as orelhas na minha direção.  
— Anda beber.

Ela não se mexeu, exceto para voltar as orelhas (e a atenção) para as árvores. Olhei para ClanFintan, e ele encolheu os ombros, obviamente perplexo com o comportamento dela, tal como eu. Encolhi os ombros também e voltei ao regato.

A água era como gelo líquido. A doçura fazia-me lembrar dos refrescantes bebedouros públicos em Roma (sim, já levei alunos além-mar, e sim, eles tentaram tomar bem conta de mim). Bebi um longo trago. Depois de me sentir saciada, deixei-me ficar acocorada e tornei a dar atenção às árvores que ainda atraíam a atenção da minha égua daquela maneira.

Eram enormes, obviamente antigas. Os ramos só começavam a mais de cinco metros da sua altura impressionante. Algo me pareceu deslocado nelas, e depois apercebi-me do que era. Ainda tinham as folhas todas. Pisquei os olhos e contemplei o que nos circundava, a tentar focar o olhar na floresta coberta de nevoeiro, nas árvores mais perto da orla da clareira. As outras árvores já tinham perdido as folhas, não já? Sem conseguir ver nada na bruma, olhei outra vez para os dois gigantes diante de mim. Carvalhos palustres — com um sobressalto, soube o que eram, pois reconhecia-as como flora nativa do Oklahoma. As folhas tinham a forma conhecida e sagitada, eram as agulhas que eu me habituara a varrer no jardim da frente de nossa casa. Só que ainda estavam nos ramos e da cor vibrante das algas novas. Deixei de olhar para a copa pesada de ramagens entrelaçadas e observei os troncos maciços, cobertos de musgo espesso e cor de nenúfar. Pus-me de pé abruptamente. Parecia que do musgo emanava um brilho abafado, como a luz que brilha através de cetim. Aquilo estava a pedir para lhe mexerem.

E depois senti — o formigueiro da emoção, como se me roçassem uma pluma pela consciência. Concentrei-me nas árvores e a sensação esvoaçante voltou. Foi como uma epifania. Era uma sensação parecida com a que eu tivera na presença da coluna de mármore ao princípio do dia. Lembrei-me de Kai dizer que, como eu nascera sob o signo do Touro, estava ligada à terra. Senti um sorriso de assombro abrir-se-me na cara. Talvez eu conseguisse “falar” com as árvores.

Com isso na ideia, comecei a andar ansiosamente para a frente e fui interrompida por um guincho de Epi. Admirada, parei e virei-me, quase tropeçando na égua, que estava praticamente nos meus calcanhares.

— Epi! — Cambaleei para trás quando ela me empurrou com a cabeça.  
— Que raio se passa contigo?

A única reação foi um som abafado quando esfregou a cabeça no meu peito.

— Credo, está tudo bem. Só vou ver aquelas árvores velhas. Depois arrepiamos caminho. — Olhei por cima dela para o meu marido, que nos observava com um ar divertido.

— Ela está a dar comigo em doida — disse eu. — Vai ser um alívio quando a cerimónia de amanhã à noite terminar e ela voltar ao que era dantes.

— Parece-me deveras... — Ele calou-se, e tive a certeza que descartava palavras como *paranoica*, *histérica* e *carente*. Contentou-se com *emotiva*, a mexer as sobrancelhas para ambos sabermos o que ele queria dizer na realidade.

Pisquei o olho e sorri em concordância. Fiz festinhas na cabeça da égua e sussurrei mais carinhos para a acalmar.

— Meu docinho, está tudo bem, não há nada de mal. — Parece que ela se descontraíu. — Quero aproximar-me das árvores — disse-lhe ao ouvido. — O Kai disse que eu consigo ouvir coisas da terra, quero pôr a teoria à prova.

Dei-lhe mais uma palmadinha e dirigi-me a passo firme para as árvores. Ouvi Epi dar uns passos atrás de mim, mas logo parou. Olhei para trás e vi que estava completamente quieta. Ainda lhe vi uma ondulação perpassar no corpo.

— Está tudo bem! — exclamei, e acenei alegremente para a égua paralisada, sem ligar à preocupação que já me surgia com aquele comportamento bizarro. Eu e a Epi, devíamos estar as duas com picos hormonais. Não admirava que estivéssemos as duas tão assustadiças. Quando me virei outra vez para as árvores, deixei por completo de pensar em Epi.

Estava quase a tocar nas árvores maciças, e assim perto sentia realmente algo a emanar delas. Inclinei a cabeça para um lado, atentamente à escuta.

— Rhea? — chamou ClanFintan.

— Chiu! — ralhei sem virar a cabeça, com a mão no ar para o calar.

Dei mais um passo em frente. O piso estava empapado debaixo das minhas botas de montar, e percebi que estava quase de pé no regato que corria entre as duas árvores. Estreitava-se ali, só teria um metro de largo, e corria melodiosamente sobre seixos. A pisar com cuidado, fiquei com uma perna de cada lado do regato e ergui os braços, para levar uma mão a cada árvore.

Quando toquei na casca coberta de musgo, senti um safanão doloroso pelo corpo todo, como se tivesse tocado num cabo elétrico. Senti medo, e tentei tirar as mãos, mas estavam agarradas às árvores como que pregadas

no tronco. Os joelhos começaram-me a ceder e apercebi-me de que tombava para a frente, e de que (se as árvores me largassem) cairia de cabeça no regato. De súbito, era como se o tempo abrandasse e eu visse fotografias a passarem-me diante dos olhos. A cabeça caiu-me, e vi o meu reflexo ondulado na água. Depois o reflexo fragmentou-se e pude ver mesmo dentro de água. Pisquei os olhos devagar, a tentar focar a vista, que se fixou abruptamente. Eu via dentro do regato e o mundo do outro lado, um mundo em que um movimento no céu me chamou a atenção. Um grito chocado brotou-me dos lábios quando reconheci o cilindro metálico que atravessava um horizonte azul longínquo. Um avião. A compreensão assolou-me. Num frenesim, tentei soltar as mãos das árvores outra vez mas, em vez de conseguir, a casca ficara meio permeável, as minhas mãos eram sugadas por ela, os pulsos, os cotovelos... E, quando senti o corpo tombar-me para a frente e dissolver-se no espelho do mundo, vi uma escuridão fugidia sobejamente conhecida, viscosa com uma aura líquida e maligna, a latejar à minha volta — a fazer pressão, em busca, a tentar submergir-me... Ouvi o grito horrorizado que foi arrancado ao meu marido repetido por um relincho lancinante de pânico.

Abri a boca para gritar, mas a inconsciência engoliu-me.